



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**MARIA IZADORA RODRIGUES TEIXEIRA**

**Um caso de política em Picos-PI: militância religiosa e partidária de Oneide Rocha**  
(1982-1995)

Picos, PI

2019

**MARIA IZADORA RODRIGUES TEIXEIRA**

**Um caso de política em Picos-PI: militância religiosa e partidária de Oneide Rocha**  
(1982-1995)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina TCC-II do Curso de Licenciatura plena em História da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

**Orientador (a):** Ms. José Lins Duarte

Picos, PI

2019

**MARIA IZADORA RODRIGUES TEIXEIRA**

**Um caso de política em Picos-PI: militância religiosa e partidária de Oneide Rocha**  
(1982-1995)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina TCC-II do Curso de Licenciatura plena em História da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Picos, 21 de junho de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Ms. José Lins Duarte - Orientador  
Universidade Federal do Piauí - UFPI



---

Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Universidade Estadual do Piauí - UFPI  
Examinador 1



---

Prof. Ms. Robson de Lima Fernandes  
Examinador 2  
Externo

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**T266c** Teixeira, Maria Izadora Rodrigues

Um caso de política em Picos - PI : militância religiosa e partidária de Oneide Rocha (1982 – 1995) [Recurso eletrônico] / Maria Izadora Rodrigues Teixeira – 2019.  
59f.

1 Arquivo em PDF

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-  
CSHNBAberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade  
Federal do Piauí, Licenciatura Plena História, Picos, 2019.

“Orientador : Dr. José Lins Duarte”

1. Biografia política. 2. Pesquisa histórica. 3. Militância política. 4.  
Campanhas políticas. 5. Militância religiosa e partidária. I. Duarte,  
José Lins. II. Título.

**CDD 923.1**

**Emanuele Alves Araújo CRB 3/1290**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de História  
Rua Cícero Duarte, 905 – Junco – Picos - Piauí  
CEP 64600-000 - Fone: (89) 3422 2032

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e um (21) dias do mês de junho de 2019, no Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **MARIA IZADORA RODRIGUES TEIXEIRA** sob o título **Um caso de política em Picos: Militância religiosa e partidária de Oneide Rocha (1980-2000)**.

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Ms. José Lins Duarte

Examinador 1: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

Examinador 2: Prof. Ms. Robson de Lima Fernandes

Deliberou pela **Aprovação** do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de **10,0**.

Picos (PI), 21 de junho de 2019.

Orientador (a):

Examinador (a) 1:

Examinador (a) 2:

**À  
Minha avó Este**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por terem me dado as condições necessárias para chegar onde cheguei e por serem minha base primeira.

Aos familiares que me apoiaram.

Agradeço muito ao meu orientador Ms. José Lins, pela disposição de me acompanhar nesse trabalho e de ter me dado toda a instrução necessária para que a pesquisa se desenvolvesse. Além de um professor, orientador, é um ser humano maravilhoso.

A minha querida professora Dra. Marylu Oliveira ter permanecido nesse trabalho comigo, ainda que não estivesse mais na UFPI de Picos. Sou imensamente grata por toda a contribuição que tem nesse trabalho e na minha vida.

Grata aos meus professores do curso de História Fábio, Agostinho, Mairton, Ana Paula Cantelli, Mona Ayala, Luís Filipe, Érica Lopô, Heitor, Lorena, José Petrucio e o professor Gleison Monteiro de quem fui monitora.

Aos meus amigos de curso que foram grandes companheiros nos dias bons e ruins. A vida ficou mais fácil na convivência de vocês, Laís e Erismar.

Aos meus amigos da vida, Carlos e Caio que caminham comigo em direção a Deus e que também são grandes colaboradores dessa pesquisa.

Agradeço do fundo do meu coração a essa extensão familiar que ganhei desde que nasci, as irmãs Filhas de Jesus, de modo muito especial à irmã Sueli que se disponibilizou várias vezes a ir comigo resolver questões da minha pesquisa. Agradeço também a irmã Reginalda que é colaboradora desse trabalho. À irmã Verônica com quem tive as melhores conversas sobre os meus estudos e com quem compartilhei muitos textos e me alimentei de sua sabedoria. À irmã Eliza, por ter me disponibilizado fontes. A irmã Vera e Janaína por sempre terem torcido por mim e a todas as outras irmãs que fazem parte de minha vida.

A a minha amiga Religiosa Filha de Jesus, Aline Braga, por ser mais que uma amiga, uma confidente com quem eu partilho a vida.

Agradeço a Professora Oneide Rocha por ter permitido ser objeto nesse trabalho e por ter colaborado nessa pesquisa estando disponível em todos momentos para fornecer as fontes necessárias para a pesquisa.

Grata a todos as minhas amigas e amigos.

Agradeço ao presidente Lula por no seu governo ter priorizado a educação e ter feito a expansão universitária, possibilitando assim que o ensino superior estivesse acessível aos que moram no interior.

A todos os funcionários da UFPI

E sou grata imensamente a Deus que me permitiu chegar até aqui e que é a minha luz, o meu refúgio e a força maior que sustenta minha vida.

*“Quem te deu o desejo te dará o poder e a graça”.*

Santa Cândida Maria de Jesus:

## RESUMO

Este trabalho, trata-se de uma pesquisa histórica de gênero biográfico sobre a professora Maria Oneide Fialho Rocha. Nossa ênfase maior será a militância política, religiosa e partidária. Apresentamos ainda a sua formação escolar e os elementos fortes que fez parte dessa e que depois a conduziria para espaços que se apresentariam como possibilidade de militância, como é o caso de movimentos de base religiosa. Com as experiências proporcionadas na atuação nas atividades religiosas, vê a política partidária como meio de atuação e assim a ocupa diretamente se colocando como candidata. Apesar de se tratar do estudo de uma trajetória individual o trabalho também busca apontar a atuação dos que dos processos participaram.

**Palavras-chave:** Formação Escolar. Religiosidade. Campanhas Políticas.

## **ABSTRACT**

This is a historical, research on the biographical genre of the teacher Maria Oneide Fialho Rocha. Our greatest emphasis will be religious political militancy and party politics. We also present her school formation and the strong elements that were part of it and that would then lead her to spaces that would present themselves as a possibility of militancy, as is the case with movements of religious basis. With the experiences provided in the performance of religious activities, sees party politics as a means of action and thus occupies it directly placing itself as a candidate.

**Keywords:** School Formation. Religiousness. Political Campaigns.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Oneide Rocha ainda estudante no dia da sua formatura de doutores do ABC .....	18
<b>Figura 2</b> - Caderneta da aluna Oneide Rocha .....	19
<b>Figura 3</b> – Oneide Rocha no Colégio Santa Teresa de Jesus ao lado de professoras .....	21
<b>Figura 4</b> – Primeira equipe do MEB de Picos assumindo a função de coordenadora da equipe .....	31
<b>Figura 5</b> – Abertura do primeiro Seminário de Alfabetização – SAL, em Picos em parceria com o Movimento de Educação de Base .....	32
<b>Figura 6</b> – Comício na comunidade UMARI - 1996. ....	37
<b>Figura 7</b> – Discurso na em um dia de sábado na praça João de Deus Filho – 1996. ....	38
<b>Figura 8</b> - Convite para a convenção da candidatura de Oneide Rocha no ano de 2000. ....	40
<b>Figura 9</b> – Caminha de campanha pelos bairros Passagem das Pedras e Boa Vista, 08/2000 ...	41
<b>Figura 10</b> - Conclusão de caminhada política com concentração na Praça Félix Pacheco.....	41
<b>Figura 11</b> – Recorte de um trecho do “Diário de casa” das Irmãs Filhas de Jesus, Picos-PI .....	43
<b>Figura 12</b> - “Santinho” de campanha a Prefeita de Oneide Rocha no “Diário de casa”.....	43
<b>Figura 13</b> - Oneide Rocha e em campanhas para Prefeita e outras atividades.....	44

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ATI</b>	Ajuda Teu Irmão
<b>Av.</b>	Avenida
<b>CE</b>	Ceará
<b>CEBI</b>	Centro de Estudos Bíblicos
<b>CNBB</b>	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
<b>CNLB</b>	Conselho Nacional do Laicato do Brasil
<b>CNLD</b>	Conselho de Leigos e Leigas da Diocese
<b>CTP</b>	Comissão Pastoral da Terra
<b>IESRSA</b>	Instituto de Educação Superior Raimundo Sá
<b>IMH</b>	Instituto Monsenhor Hipólito
<b>MEB</b>	Movimento de Educação de Base
<b>MINTER</b>	Mestrado Interinstitucional
<b>MMC</b>	Missionário e Missionárias Madre Cândida
<b>PT</b>	Partido dos Trabalhadores
<b>p.</b>	Página
<b>PI</b>	Piauí
<b>PSDB</b>	Partido da Social Democracia Brasileira
<b>TSE</b>	Tribunal Superior Eleitoral
<b>UFPI</b>	Universidade Federal do Pernambuco
<b>UFPI</b>	Universidade Federal do Piauí

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 – FORMAÇÃO ESCOLAR.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1 Maria Oneide Fialho Rocha .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2 Educação e a religiosidade em sua formação .....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO 2 – MILITÂNCIA POLÍTICA RELIGIOSA .....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 Espaço de militância .....</b>	<b>24</b>
<b>2.2 O lugar de militante .....</b>	<b>26</b>
<b>2.3 MEB e participação na Igreja.....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO – 3 MILITÂNCIA POLÍTICA PARTIDÁRIA .....</b>	<b>35</b>
<b>3.1 Política Partidária e Partido dos Trabalhadores .....</b>	<b>35</b>
<b>3.2 Campanhas Políticas.....</b>	<b>37</b>
<b>3.3 Fazer política .....</b>	<b>44</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>52</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXO A .....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXO B .....</b>	<b>56</b>
<b>ANEXO C .....</b>	<b>57</b>
<b>ANEXO D .....</b>	<b>58</b>

## INTRODUÇÃO

Ao se percorrer os caminhos da história e, mais precisamente, adentrar a pesquisa historiográfica, aceitando o desafio e se propondo a desenvolver a tarefa que resulta numa produção, as possibilidades são múltiplas e diversas.

Fazer um trabalho desses anima e desafia, pelo fato das diversas possibilidades no que diz respeito, principalmente, a ampla gama de objetos possíveis. Desafia também porque a pesquisa histórica requer um trabalho cuidadoso de trato sério com suas fontes, buscando dessa forma uma maior aproximação da representação do real.

Dessa variedade de possibilidades, o nosso trabalho diz respeito a uma biografia contexto, pois a pesquisa aqui dá ênfase a militância política religiosa e política partidária da professora Oneide Rocha, apesar de dedicarmos uma parte a compreender sua formação escolar.

Compreendo esse trabalho como de perspectiva política e penso que é interessante mencionar que um dos meus motivos para cursar Licenciatura em História foi o fato de adquirir maiores conhecimentos sobre o tema e desenvolver uma pesquisa de alguma temática voltada ao assunto.

O interesse pela pesquisa se deu, primeiramente pelo conhecimento e admiração que já tinha da biografada. Somado a isso na graduação, em conversas informais foi mencionada a possibilidade de um trabalho de biografia sobre ela. Falamos ainda sobre a importância da nossa personagem para a história política das mulheres em Picos no Piauí, de forma mais específica, na militância, tanto religiosa quanto partidária e que um estudo desses apresentaria de grande importância para a historiografia, principalmente local.

Se pensarmos que um trabalho não se fecha em uma única teoria ou corrente nosso trabalho é visto também como micro-história, pois a partir de um personagem central, pode-se compreender também o contexto em que esse esteve. Dessa forma, ao decidir estudar de maneira específica a militância política religiosa e partidária de Maria Oneide Fialho Rocha, busca-se também entender um contexto mais geral em que estava inserida. Personagens como a nossa, que circulam em muitos espaços e que tem certo destaque nesses nos permitem uma compreensão mais ampla sobre diversos elementos que retratam uma sociedade.

Muitos elementos nos levam a encontrar em Oneide Rocha uma personagem ideal que traduz traços de uma sociedade e um contexto. Dentre esses fatos podemos mencionar: uma mulher que ocupa espaços variados como, o espaço educacional, religioso e político. E a partir disso, poderemos analisar como era o contexto do mesmo e como os sujeitos neles atuavam.

Como já falamos, nossa pesquisa trata-se de uma biografia e sobre essa apontamos que por muito tempo foi tomada como forma de narrar trajetórias de grandes homens, prioritariamente no objetivo de enaltecer a personalidade de sujeitos que receberam destaque em determinada sociedade. Para sermos mais diretos, principalmente figuras que compuseram os grandes cargos de um Estado.

Por esse motivo, é que a biografia recebeu e sobre ela estiveram direcionados olhares desconfiados e até nada simpatizantes com esse tipo de fazer história. Ou seja, a biografia foi deixada de lado e desconsiderada como meio de conhecer o passado e como uma forma séria e aproximação com o real. Segundo Schmidt (2012) quando a biografia surge na Grécia Antiga do século V a. C., surge como um gênero distinto da história.

[...] a possibilidade de enunciar um discurso verdadeiro sobre o passado, a biografia manteve seu elo com a imaginação e, nessa perspectiva, cabia aos biógrafos, ao contrário dos historiadores, não encontrar testemunhos confiáveis capazes de atestar o que realmente aconteceu, mas construir narrativas sobre personagens reais que transmitissem lições de vida aos leitores, ainda que a custo do sacrifício da verdade. (SCHMIDT, 2012, p.188).

Ou seja, a distinção se dava basicamente pelo compromisso com uma suposta verdade que a história teria e a biografia não, tendo assim uma maior liberdade de criação de uma narrativa. Quanto mais a história se tornava uma disciplina com pretensões científicas, já no século XIX e XX, a biografia era deixada de lado, não sendo extintas suas produções, que continuaram sendo produzidas por historiadores “menores” (SCHMIDT, 2012). No entanto novos olhares sobre essa forma de narrativa do passado foram sendo recriados, a ponto de ganhar grande importância e ser adotada novamente como uma possibilidade muito interessante de narrar fatos.

Pode-se pensar, então, que o interesse contemporâneo pelas biografias, inclusive por parte dos historiadores, acompanha essa onda de história-memória, ou seja, os personagens do passado passaram a ser “ressuscitados” – ou, mais precisamente, recriados – com o objetivo de converterem-se em referências para os homens do presente e/ou como ícones de um passado idealizado, servindo de reforço a determinadas identidades de classe, gênero, raça, região, religião, nação entre outras. (SCHMIDT, 2012, p.193).

Portanto, essa retomada do gênero biográfico vem sendo visto no meio historiográfico como meio de suprir algumas questões como Schmidt (2012) argumenta, por exemplo, a crise do paradigma estruturalista que não dá conta de entender elementos próprios dos indivíduos

Com novas perspectivas e colocando em cena novos personagens, ou seja, de forma renovada, a biografia foi ganhando novamente seu espaço dentro do campo histórico como um

importante via de se construir uma narrativa histórica sobre determinado sujeito, ampliando os horizontes de compreensão de determinado fato, quando, ao analisar a história de um personagem, muito do seu contexto se deixa conhecer.

Bourdieu (1996) fala sobre a biografia crítica maneira convencional de fazer trabalhos biográficos, pois produzem biografias pautadas em uma uniformidade e lógica que não existem em uma praticando uma espécie de “ilusão biográfica”. A trajetória de um indivíduo é imprevisível e os eventos não precisam ser ordenados e cheios de sentido.

Levando em consideração os pensamentos desse autores construímos o nossa trabalho de gênero biográfico que tem por objetivo mostrar a trajetória de vida de Oneide Rocha, aprofundando os estudos sobre sua militância política. Nosso recorde de 1982-2004, justifica-se pelo ano que ela começa dar aulas no MEB e o fim do recorte por ser a última eleição que disputa como prefeita.

A nossa pesquisa justifica-se por buscar compreender não apenas a trajetória individual, mas todas as ações sociais voltadas ao desenvolvimento político do sujeitos principalmente nos contextos que se aborda. Portanto nosso objetivo é estudar a militância como atividade possível em espaços distintos e os efeitos dessa na transformação da situação que se quer intervir.

Dividimos o trabalho em três capítulos mais “introdução” e “Conclusão”. No capítulo intitulado “Formação escolar”, faremos uma breve apresentação de sua filiação e no segundo tópico falaremos da presença da religiosidade em sua formação tanto familiar quanto escolar e de como essa apareceu como um impulso para a sua presença em espaços que seriam possíveis como meios de militância.

No segundo capítulo intitulado “Militância política religiosa”, abordaremos inicialmente o contexto da época e principalmente a postura da Igreja Católica, percebendo nas ações encabeçadas por essa como políticas. No segundo tópico apresentaremos o entendimento da personagem sobre a militância religiosa e no terceiro será falado sobre a sua participação nos movimentos eclesiais e o seu engajamento no MEB.

No terceiro capítulo “Militância política partidária”, falamos da importância do Partido dos Trabalhadores para seu engajamento político partidário o seu contato com esse e a sua participação. No segundo tópico abordamos as campanhas políticas de modo mais específico as disputadas pelo cargo eletivo de prefeita. No último tópico apresentamos seu olhar sobre o espaço da política partidária, o seu olhar individual sobre os pontos positivos e negativos e analisamos a participação das pessoas no engajamento de suas campanhas.

A metodologia usada por nós nesse trabalho foi principalmente a história oral, pois essa colabora muito com a pesquisa servindo como um meio de completar as lacunas deixadas pelas

fontes documentais. Nesse caso o depoimento da própria biografada, como das pessoas que com ela conviveram foi de grande importância. Além da história oral como metodologia fizemos pesquisa na bibliografia disponíveis e analisamos a documentação que nos foi disponibilizada.

A fontes usadas nessa pesquisa são entrevistas, fotografias, jornais do MEB, documentos escolares como, certificados, caderneta do aluno, boletins escolares, carteira de estudante. Ainda foi por nos consultada as Atas do Partido dos Trabalhadores e Diários de Casa das irmãs da Congregação das Filhas de Jesus.

## **CAPÍTULO 1 – FORMAÇÃO ESCOLAR**

### **1.1 Maria Oneide Fialho Rocha**

Inicialmente buscaremos apresentar a nossa personagem a partir de informações que dizem respeito a quem ela é e sua formação escolar. Acreditamos que essa etapa de sua vida até tornar-se professora, vai nos dando pistas de fatores que tenham impulsionado a enveredar pelos caminhos da militância a partir de bases religiosas e a partir da política partidária.

Baseamos a abordagem, inicialmente, pela sua formação escolar, pois entendemos que a educação recebida nos colégios que estudou e as aptidões pessoais que desenvolveu a partir do ambiente educacional, deixou traços que a acompanharam e que forma facilitadores de opções nos caminhos da vida adulta.

Esse breve ensaio biográfico tem como foco principal a militância política religiosa e política partidária da personagem que elegemos para estudar. Trata-se de uma nordestina que participou e ocupou diversos espaços e atuou de forma significativa nesses. A pesquisa refere-se a uma mulher que fez da militância uma das práticas da sua vida. Os lugares ocupados por ela foram as bases da Igreja, e ainda percebeu a política partidária como um lugar de luta pelo bem comum, que em síntese é um dos significados da palavra política.

Oneide Rocha, nasceu em primeiro de janeiro de mil novecentos e quarenta e sete na cidade de Picos no Piauí. Filha primogênita do segundo casamento de Ulisses Josino de Araújo Rocha e Amélia Fialho de Carvalho Rocha. Sua mãe desempenhava as tarefas domésticas e seu pai era tabelião dono de um cartório.

Segundo ela, sua mãe era uma mulher muito independente e que sempre se posicionava frente as situações. Já o seu pai era um homem que não se escandalizava fácil, além de tudo gostava de desenvolver nos filhos a independência de desenvolverem por si próprios habilidades, como é o caso, por exemplo, no que se referem a adquirir conhecimentos. A partir da fala da nossa personagem, pensamos na possibilidade de que sua formação, sua guinada para a militância e sua própria postura frente ao social possa ter tido certa influência dos pais:

E quando meu pai casou com minha mãe meu pai tinha cinquenta e cinco anos e mamãe vinte e mamãe era uma mulher assim, muito decidida, muito inteligente, só teve até o terceiro ano primário, mas eu dizia pra ela que se fosse hoje ela era sindicalista e ia reivindicar, porque ela não tinha vergonha de nada enfrentava todo mundo, como que ela necessitasse. Meu pai era tabelião, tinha cartório e também ele ficou faltando só fazer o vestibular para entrar na universidade. Gostava de ler, gostava de ouvir rádio, de comprar uma revista que era uma revista de circulação nacional da época chamada “O Cruzeiro” e eu desde pequena que eu conheci essa revista, que eu lia essa

revista e papai não se escandalizava assim com nada, ele queria era se atualizar, embora ele fosse ficando mais idoso, mas ele queria se atualizar. E muitas coisas, quando eu ia escrever que eu perguntava o sinônimo das palavras pra ele, ele dizia: “não, pegue o dicionário e vá olhar, porque se eu disser você não se desenvolve, vá procurar no dicionário”. Depois eu encontrava no dicionário ele confirmava escrevia corretamente.<sup>1</sup>

Destacando da Fala de Oneide Rocha características da mãe e do pai tais como “mulher decidida e inteligente”, referindo-se a mãe e de que o pai “não se escandalizava assim com nada” “queria era se atualizar”, percebemos elementos que fazem parte do perfil de Oneide Rocha e que esses são parte de pessoas que adentram na militância por causas como as que ela militou.

## 1.2 Educação e a religiosidade em sua formação

Na sua vida enquanto estudante encontramos elementos tais como, um grande incentivo a sua formação escolar. Destaca-se aqui que teve acesso a uma boa educação, pois provinha de uma família que tinha as condições necessárias para lhe possibilitar isso. Outro elemento de grande destaque no que se refere a educação recebida é que em boa parte de sua formação, desde dentro das bases familiares até em colégios onde estudou, recebeu uma educação também religiosa. Estudou em colégios de freira e foi interna de um Colégio religioso.

Sobre a vida de estudante mencionamos o fato de que o apreço pela leitura ganha um destaque nas suas práticas quotidianas. A partir do trabalho do professor Alves (2018) onde aborda trajetórias de vida, dando ênfase para a relação de mulheres com a educação, dentre elas a professora Oneide, é possível mencionar aqui um pouco da infância e formação escolar daquela que depois se tornaria professora.

A infância de Oneide Rocha foi permeada pelos estudos, incentivados principalmente pela mãe, merecendo destaque que ela ia para a escola e ainda tinha aulas particulares, não era uma criança desassistida financeiramente. Quando perguntada se ela integra família abastada ou não, ela responde: “Assim, me deixe dizer, é média. Meu pai era tabelião, você sabe que um tabelião é uma pessoa de projeção na cidade, e de qualquer maneira tem um poder aquisitivo bom”. (ALVES, 2018, p.39).

Perceberemos a partir da citação, que os estudos eram parte importante de sua vida. Apesar de fazer parte de uma sociedade de época que relegava quase exclusivamente tarefas a

---

<sup>1</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 13/05/2019.

mulher onde a essa caberia apenas instruir-se em ser uma boa esposa e mãe, pode-perceber que aqui uma outra via é seguida. Oneide Rocha era incentivada a estudar pela mãe e não bastasse os estudos formais da escola ainda possuía aulas extras.

Desde a infância o apreço pela leitura e pelos estudos foi bastante presente em sua vida. Por gostar muito de ler e ter uma dificuldade no acesso a livros de literatura, pedia a mãe que comprasse os livros de português das séries posteriores. Entendemos a leitura na vida dessa estudante como algo que fazia parte de práticas prazerosas.

[...] eu li muito porque no tempo da cruzadinha a gente lia, tinha jornalzinho, tinha livrinho infantil e eu lia revista aqui em casa, eu gostava sempre de ler e também como não tinha livro de literatura pra gente ler eu pedia a mamãe pra comprar outros livros de português, por exemplo, se eu tava na segunda série, eu já tinha o livro da terceira série na mão pra eu ler as leituras e também a história sagrada.<sup>2</sup>

Percebemos nessa parte da fala, como já mencionamos acima, esse apreço pela prática, como se essa apresentasse e pudesse comparar a um entretenimento. Sendo assim muito além de um meio de instrução, mas uma opção que fazia parte de suas práticas cotidianas.

A partir do trabalho de professora Karla Oliveira, na qual dedica uma parte a pesquisar a realidade escolar de Picos-PI, e mais precisamente o acesso à educação das mulheres da cidade, podemos entender primeiramente que se tratava de um município bastante precário no quesito educacional e de difícil acesso as camadas mais baixas. Na sua pesquisa menciona a importância da prática da leitura e essa como uma atividade cotidiana e prazerosa para jovens. Fala também como algo impulsionador para futuros destinos de moças Picoenses que ao invés de se casarem e se dedicarem ao lar, como era o comportamento sugerido da época, enveredavam por outros caminhos como o de cursos superiores e que tornam-se na maioria das vezes professoras.

A leitura, em meados do século XX, em Picos, fazia parte do cotidiano das jovens das classes mais abastadas, que, além de se deliciarem com esse hábito no conforto do lar, ainda socializavam com os amigos na Praça Félix Pacheco. Local de encontros amorosos e de passeios ao anoitecer. Esta possuía ainda, durante o dia, espaço para um divertimento mais intelectualizado, uma vez que a juventude da época aproveitava as sombras das árvores para se sentar em grupos de amigos e contar uns aos outros as histórias lidas nos clássicos. Cada um escolhia um livro diferente e socializava com sua turma, sentados nos bancos da praça. (OLIVEIRA, 2014, p. 39).

---

<sup>2</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

Podemos identificar na citação acima e como mencionamos anteriormente que fazia parte do cotidiano da estudante. A leitura fazia das práticas de moças como Oneide que dispunham de uma condição social que possibilitasse isso. Sua formação além do incentivo que tinha, ainda podia dispor das condições necessárias para ter uma boa instrução.

A religiosidade é presente em sua vida desde o seio familiar até os estudos formais. Portanto esse elemento de grande destaque continua fazendo parte da vida adulta aparecendo como campo de militância. Esse elemento tem ainda raízes em sua formação enquanto pessoa e enquanto estudante, pois Oneide fez seus estudos primários no Instituto Monsenhor Hipólito - IMH de 1953-1958, e destacamos aqui o fato de que era uma escola religiosa pois era gerenciada por freiras.

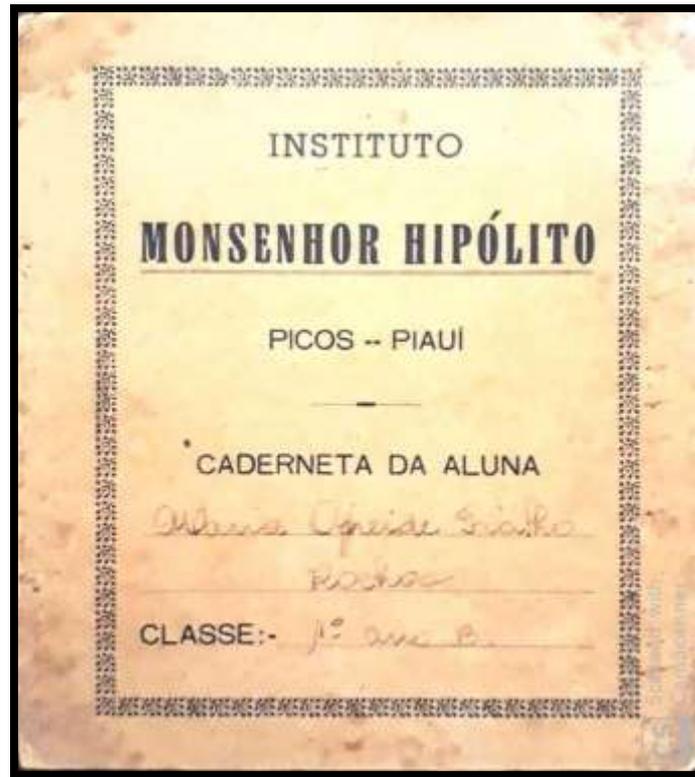
Figura 1 - Oneide Rocha ainda estudante no dia da sua formatura de doutores do ABC



Fonte: Acervo Pessoal de Maria Oneide Fialho Rocha

Na imagem a estudante está no momento de sua formatura na turma do evento que hoje chamamos “Doutores do ABC”, na época a nomenclatura era diferente. Essa fase de vida estudantil estudava no Instituto Monsenhor Hipólito.

Figura 2 – Caderneta da aluna Oneide Rocha



Fonte: Acervo pessoal de Maria Oneide Fialho Rocha

Através de contato com a fonte acima a caderneta da aluna, onde continha suas notas escolares, assim como nas demais cadernetas que tivemos acesso de quando estudava em outras instituições aponta-se que se tratava de uma boa aluna com notas majoritariamente altas.

Com seis anos eu entrei na alfabetização, no colégio das irmãs, que funcionava, o Instituto Monsenhor Hipólito funcionava onde hoje onde funcionou o fórum, aí na Av. Getúlio Vargas e a parte do Banco do Nordeste era um muro grande que era a área de lazer do colégio e a parte de fora era uma casa, uma casa antiga que foi Monsenhor João Hipólito que doou as Filhas do Coração de Maria. Ele disse que ia doar aquela casa pra vir uma Congregação Religiosa pra Picos. Então lá no colégio das irmãs eu estudei. Elas chagaram em julho de 1943 e o colégio, a escola mesmo, a escola primária, foi inaugurada no dia 05 de março de 1944.<sup>3</sup>

Como dito no trecho da entrevista acima o colégio era administrado por uma congregação religiosa. E além de ter tido papel importante na formação de estudante de Oneide, desempenhou um papel que afetou não só a vida escolar de sala da aula, mas por ter atividades

<sup>3</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

extras e formação voltada também para a vida cristã, esse estendia suas atividades na vida das alunas para além da sala de aula.

Então eu estudei no colégio. O Colégio tinha muita dinâmica, assim, a gente no mês de maio tinha dramas, armava palcos e a gente era quem apresentava os dramas. Eu fazia parte dos dramas, das peças. Então a gente ia pra lá pra ensaiar. Depois também quando eu fui preparada para a primeira comunhão tinha minhas catequistas. Dona Zizi Baldoíno foi minha Catequista aqui na Catedral. Mas quem me preparou para a primeira comunhão foi uma irmã do Colégio das irmãs chamada irmã Angélica. Então eu fiz minha primeira comunhão dia vinte e cinco de dezembro de mil novecentos e cinquenta e cinco. Eu e mais dois irmãos. Mamãe preparou nós três pra fazer. Depois que eu terminei a primeira comunhão, que eu fiz a primeira comunhão, a irmã Angélica me convidou pra entrar no movimento infantil que tinha lá chamado cruzadinha. Então foi o primeiro grupo que eu participei foi o grupo da cruzadinha. Como era que acontecia: todo domingo pela manhã, nós íamos para o colégio, passava a manhã no colégio brincando, jogando ping-pong e outros tipos de jogos. Aí tinha um momento que parava e tinha uma palestra sobre alguns temas. E também no colégio, toda quinta-feira, pela manhã, nós tínhamos palestra sobre higiene, sobre boas maneiras, sobre religião... Então foi assim um momento muito rico da minha vida, porque eu participava da vida da escola e também de grupo.<sup>4</sup>

Percebemos que a instituição fornecia aos seus alunos muito além do ensino formal. Proporcionava atividades aos estudantes que iam além da instrução dos conteúdos e Além das atividades que podemos chamar aqui de desportivas ainda havia uma formação religiosa, pois segundo a entrevistada, ela foi preparada para a primeira eucaristia na catedral, porém quem a preparou de fato para a primeira comunhão, etapa importante da vida religiosa de um cristão, foi uma freira do Instituto Monsenhor Hipólito. Nesse caso a formação religiosa que vinha de casa, como menciona que a mãe estava preparando os filhos para a primeira comunhão, ainda recebeu essa preparação do colégio que estudava.

Depois disso estudou no Ginásio Estadual Picoense 1959-1962 (atualmente Unidade Escolar Marcos Parente), estudou em Picos até concluir o ginásio. Naquela época no município, para os que não podiam migrar para outra cidade para concluir os estudos, o fim da vida escolar se dava com a conclusão do ginásio.

Ao concluir essa etapa escolar, a nossa biografada transfere-se para o Crato-CE para concluir os estudos. Lá ela se torna interna e faz o pedagógico no Colégio Santa Teresa de Jesus-Crato-CE (1963-1965). Segundo a professora Oneide Rocha, muito da sua formação e do que ela é hoje deve a sua formação nesse internato. No Santa Teresa de Jesus recebeu uma educação humanística e lá desenvolveu um olhar sensível pelo outro. No colégio, havia

---

<sup>4</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

atividades voltadas a ajuda daqueles menos favorecidos, como é o caso do projeto ATI - Ajuda Teu Irmão.

É... e também, nós tínhamos uma organização, lá pelo encontro dos alunos e nós criamos uma organização chamada “ATI” e o “ATI” era: Ajuda Teu Irmão. Então, nós tínhamos todo fim de semana de tarde, nós íamos para um bairro pobre do Crato. É... isso vai criando uma consciência.<sup>5</sup>

Portanto, já no internato ela experimentou o serviço ao próximo e o contato com a realidade dos mais pobres. Percebemos através desse trecho, algo que já mencionamos acima: uma educação que ia além da instrução formal, mas que atingia outros aspectos de sua vida. Ela também exerceu o papel da liderança, quando muitas das vezes ficava responsável pelas outras alunas. Foi ainda no Santa Teresa de Jesus, que teve um contato mais aprofundado e de outras perspectivas com a leitura, prática que fazia parte do que gostava de fazer.

Figura 3 – Oneide Rocha no Colégio Santa Teresa de Jesus ao lado de professoras



Fonte: Acervo pessoal de Maria Oneide Fialho Rocha

Na foto são vistas duas freiras, cada uma de um lado e Oneide Rocha no meio. Apesar de se ser um internato, havia uma certa flexibilidade e abertura. Isso fica evidente pelos exemplos que tivemos conhecimento, por exemplo, as internas do Colégio Santa Terezinha de

<sup>5</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

Jesus, podiam sair, ir festas, ainda que acompanhadas, e ir ao cinema. A personagem relata que havia uma liberdade muito grande no internato e as próprias irmãs bastante compreensivas a muitas questões. Ao ser questionada sobre sua consciência política a resposta é que não foi desenvolvida propriamente no colégio. Ela enfatiza a importância que o colégio teve em sua formação humanística, porém política, ressalta que só obteve posteriormente. Um dos exemplos é o fato de que no colégio, o golpe militar de 1964 foi entendido como revolução e as internas juntamente com as irmãs participaram da Marcha da Família com Deus pela liberdade e que de fato acreditavam que o Brasil estava sendo libertado do fantasma do comunismo.

Então eu dizia pra elas que na época houve o golpe militar e nós fomos para a caminhada com Deus, pela pátria, pela família. Nós estávamos lá na caminhada, agradecendo porque o comunismo não tinha entrado no Brasil (risos). Eu me lembro que lá tinha um cartaz que dizia assim: “Depois de um castelo vermelho só um Castelo branco”. Mas lá dentro do colégio tinha uma menina, Mirian Alves, ela tinha outra visão. Ela sabia, ela sabia que ali era um golpe. Ela sabia que não tinha essa história de comunismo, que era um pretexto para os Estados Unidos tomar de conta do Brasil e de outros países da América latina. Ela lia, ela lia escondido. Porque a consciência nossa e das irmãs, era uma consciência de dominação mesmo. É assim, de ficar do lado do poder e acreditar.<sup>6</sup>

Carlos- Vocês tinham a consciência que estavam sendo censuradas, assim, que a liberdade era um pouco presa, ou tinham a consciência que era uma coisa boa?<sup>7</sup>

Não! Na época a gente tinha a consciência que a revolução era boa, era pra salvar o Brasil do comunismo. É tanto que nós fomos, as irmãs nos levaram fardadas pra caminhada. Mas aí hoje eu digo pra elas, depois eu fiquei refletindo, elas, nós tínhamos palestras. Palestras sobre tudo. Sobre relações humanas, sobre tudo. Só que não tinha a consciência política transformadora, mas era uma educação que humanizava. Por exemplo, uma das coisas, e eu vejo que isso é muito importante pro adolescente. Primeiro: nós tínhamos muito a questão do sentido do outro. De respeitar o outro. Dessa relação com Deus, de fazer orações espontâneas. Nós não éramos obrigadas a ir a nada. Toda noite seis horas tinha o terço. Ia quem queria. Toda manhã seis horas da manhã tinha a missa, livre e muita gente ia, eu pelo menos, ia. Então eu digo pra elas que a formação, a educação, que elas nos deu, foi uma educação não política, mas foi educação humana e humanizadora, por isso, transformadora. Porque depois dá o estalo, depois você enxerga, né, as coisas.<sup>8</sup>

É compreensível a postura das religiosas e das próprias alunas que acompanham a posição delas. Nessa época o comunismo apareceu para muito como uma mal que realmente ameaçava a democracia brasileira, portanto a Igreja foi portadora de um discurso anticomunista.

<sup>6</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

<sup>7</sup> *Pessoa presente na entrevista, auxiliando no gravador de áudio.*

<sup>8</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

Além disso o próprio comunismo tinha na sua posição ideias contrárias a religiosidade. Dessa forma a postura tomada pela entidade religiosa, pelas irmãs e pelas alunas, ainda que alguma como a citada no trecho não se posicionasse assim, justifica-se pelo fato de que essa visão sobre o comunismo foi bastante presente em muitos setores sociais e apoiado por uma parcela significativa da sociedade. Portanto como ela mesma ressalta, a consciência propriamente formada foi a humanística. Ainda assim percebemos a influência dessa primeira consciência que se desenvolve como um impulsionador para as demais militâncias que a personagem vai assumir ao longo de sua trajetória de vida

No seu retorno a cidade de Picos a professora, inicia seus trabalhos na docência e gradua-se pela Universidade Federal do Piauí – Campus Petrônio Portela, Ininga, Teresina-PI. Licenciatura Curta em Estudos Sociais (1974-1976). Pela UFPI, campus Picos, fez Licenciatura Plena em Pedagogia – Habilitação Supervisão Escolar. Especializada em Metodologia do Ensino Superior – Campus de Floriano (1995-1997) e Mestre em Serviço Social – MINTER – UFPE/IESRSA – Universidade Federal de Pernambuco e Instituto Educação Superior Raimundo Sá (2008-2012). Foi professora primária, professora do ginásio – científico, educadora popular e professora universitária.

Ao apresentar elementos centrais da estudantil de Oneide, apontamos como elemento pertinente a presença da religiosidade em sua formação, visto que em dois momentos de sua vida enquanto estudante, frequentou instituições escolares pertencentes a esfera religiosa como, o Instituto Monsenhor Hipólito e o Colégio Santa Teresa de Jesus, no qual foi interna. Identificamos também que a instrução recebida, não se limitava a área conteudista, mas que atingiu outros aspectos inclusive na sua formação humana.

Poder percorrer e apresentar essa parte da trajetória da vida da biografada para nós, vai nos ajudando a compreender os caminhos seguidos posteriormente. A presença da religiosidade em sua formação não foi algo pontual de apenas uma etapa de vida, mas apresenta-se para nós como impulsionador de futuras opções e de presença em espaços que encaminham para uma transformação de consciência e que serão base para uma atuação, título do próximo capítulo, a *Militância política religiosa*.

## CAPÍTULO 2 – MILITÂNCIA POLÍTICA RELIGIOSA

### 2.1 Espaço de militância

[...] o próprio entendimento do que se entende por “contexto”, seguidamente associado, de forma metafórica, a expressões como “palco”, “panorama” ou “pano-de-fundo”, que implicam, consciente ou inconscientemente, a compreensão de que os “atores”, aqueles que protagonizam a trama, só devem aparecer depois que o “cenário”, outra expressão recente, está montado. (SCHMIDT, 2012, p. 196).

Schmidt (2012), fala do contexto para estudo de uma trajetória individual como de grande importância. Esse não é visto por pelo mesmo como algo homogêneo nem uniforme, mas composto por múltiplas dinâmicas e como um “campo de possibilidades”. Segundo o autor é depois de pronto cenário que o personagem aparece dessa forma é pertinente essa primeira abordagem.

A nossa proposta é perceber a atuação de Oneide Rocha na militância política religiosa, a qual tem bases na instituição Igreja Católica. Buscaremos entender o que é a militância religiosa, e ainda, o contexto da época em que estava inserida a personagem. Prosseguindo, a nossa atenção voltará aos movimentos que ela fez parte e de como foi sua participação nesses, dando ênfase na nossa abordagem especialmente ao Movimento de Educação de Base, pois foi o que ela dedicou de forma mais intensa sua militância.

É interessante para nós chamar a atenção para algumas informações apresentadas no capítulo anterior e nos norteiam e até ajudam a compreender os rumos tomados na trajetória de vida da personagem. É no espaço propriamente da religiosidade que a biografada vai crescer e ter uma formação escolar. Desde aí apontamos o fato da presença da religiosidade em sua existência. Essa formação recebida, não atingiu apenas a instrução formal, mas também a afetou em aspectos de sua vida. Agora já na vida adulta novamente a religiosidade aparece como campo de atuação e presença, só que esse campo agora é de militância.

Para melhor nos situarmos, compreender o espaço e o contexto em que militou a nossa personagem nos ajuda a perceber os efeitos que esse ocasionou sobre ela. Portanto, assim entender principalmente a atuação da Igreja e como essa se posicionava, principalmente sobre questões sociais. É importante aqui apresentar o perfil da Igreja Católica de Picos, pois essa foi decisiva e influenciou diretamente o pensamento político e a consciência da professora.

Antes de iniciarmos o nosso tópico sobre um pouco do cenário e o ambiente que ela atuou, alguns esclarecimentos fazem necessários. Por exemplo, o porquê no título do nosso

tópico se intitular “Militância *política* religiosa”. A nossa escolha se dá por percebermos uma atividade religiosa que não se limita necessariamente a posturas que tem como fim único a religiosidade, mas percebemos ações que tem um direcionamento muito forte para uma atuação que é política, pois está focada no comum e em ações sociais. Ou seja, são práticas que vão tinham um objetivo mais amplo no sentido bem oposto do que seria um caso de religião pura em si. Percebemos nos nossos estudos sobre a militância da nossa personagem, uma atuação que tem uma extensão e consegue atingir áreas bem amplas de um contexto. Podemos considerar as posturas e ações da militância da época, como políticas.

Nossa intensão foi eleger uma personagem que ao nosso ver tem os requisitos necessários para compreender um contexto maior, e nesse sentido é interessante conhecermos um pouco desse ao qual ela foi contemporânea, principalmente o religioso. Perceber como a instituição Igreja Católica atuou através de seus representantes e práticas concretas em que ela tomou a frente e direcionou.

Falando da época e como se posicionava a instituição Igreja Católica em Picos, a professora Oneide aponta como responsável no seu desenvolvimento de consciência política a Diocese de Picos. A partir das atividades que ela participava nesse espaço e a posição da Igreja frente a questões sociais, despertaram nela um olhar político e o entendimento de que uma consciência transformadora podia gerar ações concretas.

Retornando ao ambiente em que a personagem conviveu e seu contexto social, percebemos uma Instituição Eclesial que, a partir de suas atividades e seus representantes tinham os aportes necessários para que a consciência crítica e política pudesse ser desenvolvida. A partir do trabalho de Costa (2014) conseguimos identificar uma Igreja que faz de sua principal corrente teológica a Teologia da Libertação. A partir da dissertação de mestrado da professora Rocha (2011) em uma parte que aborda a relação da Teologia da Libertação com o MEB, movimento que mais a frente nos dedicaremos, faz uma breve explicação dessa corrente teológica:

Esta teologia, impulsionada pelo Concílio Vaticano II, tem como ponto de partida de sua reflexão a situação de pobreza e exclusão social à luz da fé cristã. Essa situação de pobreza e exclusão é interpretada a partir da visão teológica e sociológica como um produto de estruturas econômicas e sociais injustas. Nesse sentido, há um entendimento de que o mundo em que vivemos, a libertação é uma conquista histórica. (ROCHA, 2011, p. 57).

No trabalho de Costa a sua argumentação é de que a Diocese assumiu essa teologia como corrente. Através de figuras importantes da Igreja como o primeiro Bispo que chega a Diocese de Picos, Dom Augusto, é possível observar ações concretas que nos levam a entender

que, a Igreja Católica da época, na cidade de Picos, não fez vista grossa a realidade social e se posicionou diretamente com relação a questões sociais. Dessa forma, ao nosso entendimento, teve ações políticas progressistas e transformadoras.

A chegada do primeiro Bispo a Diocese de Picos é um dos fatores que mais dão respaldo a afirmação de que a Instituição Católica de Picos adotou a teologia da libertação. A postura e as ações do religioso voltaram-se aos que naquele momento se encontravam em situações de desamparo.

Neste momento, se percebe a preocupação do Bispo em fazer o povo de fato ser Igreja e sair do papel de figurantes se tornando autores da própria história. A partir de agora também, a população tinha um orta-voz, já que por tantas vezes o povo queria falar, mas não tinha a oportunidade nem acesso a lugares significativos para expor suas manifestações ou até mesmo não sabiam que tinham a razão e assim ficavam calados diante das repreensões militares. (COSTA, 2014, p.22).

Na citação fica evidente principalmente o papel do líder religioso que faz opção pela defesa das pessoas. Percebe-se que o contexto contemporâneo a biografada, a postura da Igreja é de se posicionar e tomar partido em favor daqueles que eram oprimidos. No trabalho de Costa (2014) é apresentada algumas situações em que é possível perceber a interferência da Igreja, onde essa faz opção pelo povo que de uma maneira ou outra estava sendo prejudicado. Por exemplo, no momento de construção da barragem de Bocaina, várias pessoas tiveram suas terras invadidas pelos militares e a Igreja saiu em defesa dos populares, reivindicando os direitos daqueles que se prejudicaram. É nesse contexto e nessa instituição que Oneide Rocha encontra espaço para militar politicamente.

## **2.2 O lugar de militante**

A professora Oneide atuou, como já citado, no espaço da militância religiosa. Ou seja, assumiu para si esse papel que é a mobilização em prol de alguma causa no sentido de transformá-la a partir de bases da Igreja. Em entrevista ela definiu para nós o seu entendimento sobre o que é ser militante. Sua definição merece aqui ser apresentada:

Bom, pra mim, a militância, no primeiro momento, é você tomar consciência de uma realidade que você vive, ter uma consciência crítica, se aquela, o que é que tá acontecendo na realidade, o que é que tá acontecendo pra transformar e o que é que tá acontecendo pra conservar e oprimir o povo. Então a militância não se faz sozinha, ser militante é você participar de um grupo, ou de um partido político, ou

de um sindicato, ou de uma associação de moradores de uma organização de classes e juntos inserir, ter uma ação concreta de intervenção na sociedade que você vive. Agora toda luta ela é ideológica, quando a gente fala nesse militante, nós falamos no militante que age pra transformar, que age pra anunciar o que é bom, claro, mas pra denunciar aquilo que traz sofrimento pra o povo, aquilo que não constrói uma democracia de direito, num Estado Democrático de Direito, por exemplo, agora nós não estamos vivendo num estado democrático de direito, então ser militante é lutar, agora em passeatas com abaixo assinado, com comitês com todo tipo de organização pra transformar essa ordem estabelecida opressora. Então militante é luta, mas é uma luta pra transformar junto com os outros, junto com uma consciência crítica.<sup>9</sup>

Definido por Oneide, o papel de militante combina diversos elementos tais como: “tomar consciência de determinada realidade”, “quais as opressões nela estão presentes”; “a militância não se faz sozinha”, “é necessário estar em grupo e existem vários tipos de grupos”; “ter uma ação concreta de intervenção junto a sociedade”; “e o militante do qual ela fala carrega consigo uma luta ideológica transformadora”. Portanto, percebemos uma pessoa que incorporou o papel de militante conscientemente e teve ações que fossem paralelas a sua definição.

A militância a qual nos dedicaremos agora, trata-se da militância política religiosa. Nas nossas entrevistas tivemos a curiosidade de saber da entrevistada qual o seu entendimento sobre esse tipo de militância. Achamos interessantes colocar aqui sua definição. Questionada ainda sobre o sentido e a definição da militância religiosa, Oneide a define nas seguintes palavras:

O papa João Paulo II, o Papa Francisco eles dizem que a política é o exercício da caridade, a política do bem comum. Gandhi era quem dizia que quem diz que política não tem nada a ver com religião e religião não tem nada a ver com política não sabem nem o que é religião e nem o que é política. Não vive nem a política e nem a religião.<sup>10</sup>

Fundamentada no pensamento de dois sujeitos importantes da história, reafirmando a ideia deles. Acredita que política e religião não se separam e quem defende que as duas coisas andam separadas não entende nem de uma nem de outro. Oneide ainda nos descreve como adentra a essa luta que para ela o cristão deve assumir.

E aqui como eu vi a luta política e a luta religiosa, mas é que você não pode ser cristão se você não age nas estruturas injustas do mundo. Então eu era professora, sou professora, dava aula e aí eu comecei a ler Paulo Freire a

<sup>9</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

<sup>10</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

“Pedagogia do Oprimido”, comecei a fazer cursos bíblicos do CEBI, do Centro de Estudos Bíblicos, a dar cursos bíblicos aqui as comunidades eclesial de bases, as agentes da pastora, e eu comecei aperceber que eu não era apenas um coadjuvante na Igreja, atrás da CNLD, que nós conversamos a organizar aqui em Picos, leigos a partir de 1990, antes a gente já atuava como leigo, quer dizer, quem é o leigo? É o batizado que participa do povo de deus, que tem as mesmas funções sacerdotais, de profeta e rei sacerdotais, profetas e rei que é chamado pra agir dentro da igreja e fora da igreja, a nossa missão não é só a comunidade eclesial, a nossa missão é agir nas estruturas do mundo, no mundo da educação, da saúde, do trabalho, do lazer do meio de comunicação e da política então eu comecei a entender isso, qual a missão do leigo na política, foi uma missão a partir de uma base cristã, o próprio documento de Puebla, que foi uma Confederação dos Bispos de 1979 diz assim: “O leigo é a igreja no coração do mundo e o mundo no coração da igreja”. Você não pode ser cristão só eu e Deus, só louvando.<sup>11</sup>

Na fala dela, percebemos uma consciência de agir concretamente nas realidades. Não há a possibilidade para ela, se assumir o cristianismo como religião e fechar os olhos para as estruturas injustas do mundo. Ou seja, ser militante, e uma militância muito bem combinada entre política e religião, pois a seu ver as duas caminham muito bem juntas erequer uma ação maior de não se limitar as estruturas da Igreja, “Você não pode ser cristão só eu e Deus louvando.”. A militância principalmente desenvolvida a partir de uma consciência religiosa solicita, ao seu ver, ações concretas de intervenção na realidade.

No capítulo primeiro, pudemos ver que a nossa personagem teve uma formação escolar religiosa, essa religiosidade teve uma influência nos espaços ocupados posteriormente como a participação na Igreja católica, como leiga. Outro aspecto importante que mencionamos do tempo de escola de Oneide, mais especificamente no internato, foi a participação na “Marcha da Família com Deus pela liberdade” diante disso apontamos que se tratava de um acontecimento político de viés totalmente oposto ao que ela assumiu na sua militância política posteriormente. A inquietação de como essa consciência política progressista passa a ser a dela, surgiu no trabalho. Ela nos narrou como sua consciência política é desenvolvida, visto que no internato desenvolve a humanística e apontamos aqui que essa já é uma guinada para as causas e da luta pela bem comum. Sua consciência política se desenvolve segundo ela:

Eu votei na arena, no tempo da arena eu votei no D. Zé Nunes, no Professor Antônio e a partir da diocese eu comecei a ter outra consciência e ver, da criação da diocese, a gente assistia palestras, já dava cursos, tinha contato com gente do Brasil todo, tinha contado com o povo do Pará.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

<sup>12</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

Na fala dela é possível perceber elementos dessa transição de viés político pelo qual ela fazia opção. O partido que ela afirma que voltou é a Arena, partido político dos candidatos apoiadores do regime militar. Como afirma, a partir da Diocese sua consciência política muda. Isso é possível se nos atentarmos ao que falamos nos parágrafos anteriores sobre o contexto e a atuação da Igreja Católica de Picos. Dessa forma ela aponta como a principal responsável pelo desenvolvimento da sua consciência política esse espaço.

É a partir das bases dessa Igreja que ela vai militar em projetos ou encabeçados ou base religiosa. Projetos que terão um papel, em alguns casos como o MEB, de muita força na sua ação sócio-política. Nos dedicaremos a abordar agora os movimentos que ela participou, porém daremos uma ênfase maior ao MEB – Movimento de Educação de Base, pois o recorte do nosso tema, o ano de 1982, é quando Oneide começa a atuar nesse, e a maior ênfase nesse justifica-se também pelo fato de ter sido esse o de participação mais aprofundada tendo um tempo de participação no programa bem significativo permanecendo até 1995

### **2.3 MEB e participação na Igreja**

Como dissemos, não só foi despertado em Oneide uma consciência política transformadora, mas impulsos para ações concretas e diretas que atingissem as realidades necessitadas. Entendemos a militância religiosa, e aqui será abordado os movimentos religiosos que participou dando uma ênfase maior a sua participação no MEB – Movimento de Educação de Base. Isso justifica-se pela sua atuação nesse ter correspondido uma dedicação de um significativo tempo de sua vida e por percebermos nesse espaço uma ação socio política mais evidente.

Dentre os movimentos de cunho religioso que percebemos a militância e que abordaremos aqui, iniciaremos pelo MEB. Nesse Oneide Rocha atuou como professora e coordenadora, papéis principais do programa. Especialmente como docente interferiu diretamente, pois era o professor que estaria trabalhando na transformação sócio-política através da educação.

O MEB foi criado pela Igreja Católica em março do ano de 1961, por iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Ganhou apoio de convênios particulares com o Ministério da Educação e da Cultura e com o Ministério da Saúde, foi prestigiado pelo governo federal, através de um decreto da Presidência da República. Seu maior objetivo era desenvolver um projeto de alfabetização de base nas localidades mais carentes nas regiões do nordeste, norte e centro – oeste através de escolas radiofônicas. Nesta época em que o MEB foi criado quase 50% da população brasileira era analfabeta e

o Brasil era o sexto país em analfabetismo, como mostra o relatório anual do MEB feito em 1991.<sup>13</sup>

O MEB foi, pois, um movimento iniciado na Igreja Católica, podemos dizer assim, de base religiosa, pois foi idealizado pela Instituição Eclesial. Apoiado pelo governo, visava uma intervenção na realidade de analfabetismo numericamente grande. Em Picos no Piauí, o projeto teve sua execução e a professora Oneide Rocha foi uma das participantes da equipe que desenvolveram um trabalho que tinha sua ação política transformadora tendo como intermédio a educação. No Piauí o MEB foi oficialmente fundado em 1962 e em Picos na década de oitenta: “Na perspectiva de desenvolver uma ação sócio-educativa na região de Picos, a convite do seu primeiro Bispo, Dom Augusto Alves da Rocha, foi instalado em Picos, no dia 01 de abril de 1982, o Movimento de Educação de Base”. (ROCHA, 2011, p. 74).

O Movimento na cidade de Picos no Piauí consolida-se a partir de três principais eixos de atuação: Assessoria aos movimentos sociais; Assessoria sindical e Alfabetização de jovens e adultos. E sobre as lideranças do MEB é apresentado no trabalho de Rodrigues (2017), o perfil desses que estariam a frente do projeto.

Outro aspecto observado recai sobre o papel das lideranças à frente do MEB. Na nossa avaliação, esses sujeitos, orientados pelos princípios acima elencados, atuam em consonância com o que Freire denominou de “liderança revolucionária” e/ou o que Gramsci classificou como “intelectuais orgânicos”. Ou seja, tais lideranças, procuram estabelecer uma relação dialógica e horizontal com os trabalhadores, ao mesmo tempo, estimulando e direcionando a ação política das organizações e entidades da região sob as estratégias e delineamentos traçados pelo movimento em âmbito local, regional e nacional. (RODRIGUES, 2017, p. 26-27).

É o papel de liderança que Oneide vai assumir. Participou do movimento como professora, coordenadora e compreende esse momento de sua vida deixou marcas. Principalmente, pelo trabalho com aqueles que no momento eram desassistidos pelas autoridades governistas. Olhando para os movimentos religiosos que participou aponta o MEB como uma grande escola em vários sentidos, dentre eles, o próprio conhecimento adquirido na preparação das aulas que ministrava.

---

<sup>13</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

Figura 4 – Primeira equipe do MEB de Picos assumindo a função de coordenadora da equipe



Fonte: Acervo pessoal de Maria Oneide Filho Rocha

Na foto é possível observar Oneide e outras lideranças do MEB. Dessas experiências, como mencionado acima, carregou conhecimentos que levou para a vida e que lhe ajudaram a sua futura vida profissional quando presta concurso para a Universidade Federal do Piauí e onde nesse é aprovada.

[...] eu posso dizer o MEB, o MEB foi uma escola pra mim, é tanto que a aula prática do concurso da universidade o conteúdo eu já conhecia por que já trabalhava no MEB, nós já seguíamos uma linha de Paulo Freire, uma educação transformadora... A gente já discutia o que era uma educação transformadora e uma educação conservadora, é claro que a gente trabalhada de uma forma mais popular, lá no concurso foi uma forma mais científica, mais didática, mais professoral.<sup>14</sup>

Além dessa experiência que lhe foram favoráveis até mesmo no concurso que prestou, o MEB foi também uma escola pelo contato e a possibilidade de transformação da vida das pessoas através da educação. “Então o MEB foi o trabalho de base na região de Picos, junto com aquele povo mais sofrido, e a gente vê aquele povo”.

<sup>14</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

Figura 5 - Abertura do primeiro Seminário de Alfabetização – SAL, em Picos em parceria com o Movimento de Educação de Base



Fonte: Acervo Pessoal de Maria Oneide Filho Rocha

Na foto podemos observar a professora em sala de aula. Porém, dessas vivências lembra-se de experiências que viveu, pois o trabalho apesar de ser de educação não se limitava ao ambiente escolar. A luta transformadora ia muito além e o trabalho também era feito com os movimentos sociais auxiliando-os e ajudando na sua organização. Sobre isso a professora lembra de experiências vividas por ela quando fazia parte do movimento.

[...] e a gente vê aquele povo, João Batista ali em Itainópolis que foi vereador, vi Joaquim Brás, que inclusive já morreu, candidato a prefeito, você vê uma consciência nova, uma sociedade nova se gestando, e um trabalho conjunto, como o movimento sem-terra, por exemplo, hoje já temos aquele assentamento da marreca lá em São João do Piauí, marrecas e Lisboa que hoje eles produzem uvas, e nós acompanhamos, o povo dos sem terras instalar aqui uma coordenação, porquê do Piauí era um a diocese das mais avançadas nas discussões da lutas, eu passei muito tempo indo de 15 em 15 dias, dormindo nas barracas, nas barracas de lona preta, organizando a turma lá pra dar uma organização que libertasse, vivendo lá no meio do povo, o povo tinha era medo deles e hoje eles são integrados na comunidade.<sup>15</sup>

No olhar da entrevistada ela percebe transformações na vida e na consciência das pessoas através de uma interferência direta causada pelo MEB que visava um trabalho sócio-

<sup>15</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

político, principalmente no que diz respeito a conscientização junto com a luta pela modificação de tal situação em que estivessem sendo oprimidas as pessoas, e isso através da educação.

A participação em movimentos encabeçados pela Igreja ou de base religiosa não se limitou a significativa participação no Movimento de Educação de Base. Como vimos anteriormente, desde a infância a proximidade com a religiosidade foi marca da sua existência. Nessa mesma Igreja Católica Oneide participou de outros grupos religiosos.

Hoje eu participo do CNLB, hoje eu faço parte da coordenação do Conselho Nacional do Laicato do Brasil na diocese de Picos, eu fui convidada para fazer parte da equipe de formação do Conselho Nacional do Laicato do Brasil, mas eu disse que não podia porque você fazendo parte da equipe de formação nacional, intensifica reunião e participar de curso e assembleia, principalmente no nordeste. Eu faço parte da equipe de formação da paróquia de Picos, a gente tem o curso de formação bíblica que começa de março a novembro, e eu faço parte também da equipe de formação da diocese de Picos que está se estruturando.<sup>16</sup>

Carlos: E o MMC...<sup>17</sup>

Oneide: É, foi bom ter lembrado, eu sou Missionaria Madre Cândida, desde 2006, assim, é reconhecido.<sup>18</sup>

Alguns desses grupos da Igreja Católica e que ela participa fogem do nosso recorte temporal. Escolhemos apresentá-los aqui principalmente para evidenciarmos o fato de que essa participação em movimentos religiosos não foi algo pontual de determinada época, mas que ela desde a infância, com a permanência na participação de atividades religiosas, conserva um traço característico que carrega desde sua formação familiar e escolar.

Talvez para nós alguns desses movimentos não se apresentem como um meio de militância, mas se levamos em consideração a definição do papel do leigo na Igreja, sua definição tem fortes traços característicos da atividade mencionada. Sobre o leigo, uma parte da citação que já fizemos acima, ela fala que:

[...] tem as mesmas funções sacerdotais, de profeta e rei sacerdotais, profetas e rei que é chamado pra agir dentro da igreja e fora da igreja, a nossa missão não é só a comunidade eclesial, a nossa missão é agir nas estruturas do mundo, no mundo da educação, da saúde, do trabalho, do lazer do meio de comunicação e da política então eu comecei a entender isso, qual a missão do leigo na política [...]<sup>19</sup>

<sup>16</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

<sup>17</sup> *Pessoa presente na entrevista, auxiliando no gravador de áudio*.

<sup>18</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

<sup>19</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

Entendendo a política dessa forma e o seu papel na Igreja, além do contato com as realidades mais sofridas e com a consciência que é desenvolvida na instituição eclesial, vê que sua experiência de transformação das realidades pode ser feita a partir da política partidária. A política que parte do Estado é algo visto como campo possível de atuação de sua militância. Companheira que esteve com Oneide em espaços como a Igreja e o magistério, Maria das Dores Rufino Costa, esclarece essa percepção que tem junto com Oneide:

E nessa organização como grupo de leigos nos nós engajamos no fim dos anos, a partir de 89, 90 e continuamos até hoje. Então toda essa caminhada convicta de política, nos dois sentidos, né, de prática do bem, de defesa dos direitos humanos, de busca por um mundo melhor. A gente tinha a certeza de que tudo isso só podia acontecer através da política partidária mesmo, né, então era preciso que surgisse um que, decidido a colocar em prática um projeto, de, de político popular, que fosse voltado para as realidades do povo, para que o povo pudesse melhorar a sua vida, as suas condições de vida. E assim a gente continuou, é... Ela Oneide foi mais radical, nesse sentido, do que eu, eu sempre fiquei mais no, no, dentro da Igreja trabalhando, mas também em todas as oportunidade como houve nas candidaturas dela e de outros companheiros também filiados ao Partido dos trabalhadores, também no movimento sindical que nós participamos também, no movimento sindical participei mais sindicatos dos professores, mais até do que ela. Nas associações de Moradores que o MEB dava assessoria.<sup>20</sup>

Na fala de Maria das Dores Rufino Costa, que conviveu e conheceu Oneide no ambiente profissional, mas que depois se tornou muito próxima através da convivência nas atividades da Diocese que atuaram juntas em muitos projetos entre eles o MEB narra que esse contato com as realidades mais sofridas, fez perceberem a política partidária como um meio de agir na transformação e isso aconteceria, segundo ela em um partido que tivesse a proposta de uma política voltada para a melhoria da vida das pessoas pela causa popular.

É a partir daí que a política partidária aparece como um campo de militância. O PT apareceu para Oneide como um meio, pois condizia com os requisitos da política partidária pensada, de estender a militância que já fazia nas realidades sociais que atuava nos projetos da Igreja Católica de Picos. Através da participação no partido dos trabalhadores, filiada e candidatando-se, faz uso do espaço da política partidária.

---

<sup>20</sup> COSTA, M. das D. R. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

## CAPÍTULO – 3 MILITÂNCIA POLÍTICA PARTIDÁRIA

### 3.1 Política Partidária e Partido dos Trabalhadores

“O PT surge no contexto da abertura política que marcou a última década da ditadura militar no Brasil. É nesse período que é decretado o fim do bipartidarismo e se restaura o multipartidarismo. Este partido nasce como resultado de uma efervescência de demandas sociais de diversos setores organizados da sociedade brasileira”. (VASCONSELOS, 2014, p. 88-90).

E um dos setores sociais que o PT tem bases é a Igreja Católica. Assim, além de ter militado em busca da transformação social por meios como o religioso, Oneide viu espaço para a militância a partir da política partidária. Atuou nesse diretamente como candidata em algumas eleições e disputando por diferentes cargos. Teve como meio de atuação o Partido dos trabalhadores - PT e situou-se esteve nessa atividade mais ligada ao poder, como uma forma de intervir na realidade social que se buscava transformar.

O PT aparece como meio principal para a militância política partidária. O partido foi ainda, além da diocese, o responsável por desenvolver uma consciência política, só que agora o sentido de política liga-se a partidária. Em “Ata da convenção Municipal do Partido dos Trabalhadores, para a Convenção do Diretório Municipal no município de Picos” (ver anexo a), é registrado que o partido foi criado na cidade no dia vinte e nove de janeiro de mil novecentos e oitenta e quatro com a presença do Sr. Observador da Justiça Eleitoral e o Presidente da Comissão Provisória Municipal do Partido. Declarou-se instalados os trabalhos da convenção. Lido o edital para a consciência dos presentes esclareceu-se que foi uma convenção para a eleição dos membros titulares suplentes do Diretório Municipal. Desde que foi fundado o Partido dos trabalhadores, Oneide já fazia opção por esse.

Então, quando foi criado o Partido dos Trabalhadores, em 1980, 10 de fevereiro de 1980, eu já comecei a prestar atenção, e aí no Piauí, logo se criou o Partido dos Trabalhadores e foi candidato Ribamar. Tinha Ribamar como candidato a governador e em Picos foi candidato a prefeito foi Dico Leão.

Então Zé Aécio tinha 500 votos em Picos, mas 500 votos naquele tempo, ou foi em 82 ou foi em 84. Já votei em Joaquim Pedro pra deputado estadual, Joaquim Pedro é um lavrador em Francisco Santos, votei em Ribamar e *a partir daí comecei a militar no PT*. Porque em Picos foi criado o PT em 27 de janeiro de 1984.<sup>21</sup>

Oneide em sua fala deixa claro que já fazia opção pelo partido desde sua fundação nacional. A militância partidária aqui é considerada desde a preferência pelo partido nas

---

<sup>21</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

eleições como eleitora. Mesmo não participando da fundação do partido no município de Picos-Pi, sua participação como militante pelo partido não se limitou a apenas votar, trabalhou em campanhas políticas e filiou-se ao partido em 9 de março de 1990.

Fui filiada em 1990, e em 1996, você tem que perceber que você tinha que ter um instrumento e a política, e ser candidata e o partido político é um instrumento que você chega ao poder e pode ser um instrumento de transformação da sociedade.<sup>22</sup>

A partir do trecho de sua fala, percebermos o despertar para uma consciência que exigia uma militância que se resinificava a partir do que um cargo eletivo permitia no que se refere a uma intervenção maior na realidade que se queria transformar. A candidatura a um cargo eletivo passa a ser uma possibilidade concreta e Oneide Rocha milita pelo PT agora colocando seu nome na disputa eleitoral. Assunto que abordaremos de forma mais aprofundada no próximo tópico.

Apesar de um espaço restritamente masculino, ela enquanto mulher que faria parte desse. Fazendo memória da primeira vez que disputaria uma candidatura, narra fatos que relembra com certo humor, posicionamentos que agora recordando, enxerga elementos do machismo, até mesmo em casa.

Eu me lembro que eu cresci e mamãe dizendo que não queria os filhos dela nem em política nem sendo candidato nem sendo motorista, por que ela achava perigoso e política ela não acreditava muito, achava que um dia tava do lado um dia dava do outro. E então me convidaram pra ser candidata a prefeita pelo PT. Então eu sendo candidata tem conflito fora e conflito dentro de casa, aí um dia eu tava na mesa, almoçando, aí mamãe: “Oneide (...)” ela me disse: “uma pessoa me disse que tu vai ser candidata a prefeito” e eu: “vixe maria, ela já sabia”, aí eu disse: “não mamãe, tão me convidando ,mas eu só vou se a senhora deixar, se a senhora disser que não vou eu não vou”, aí ela disse “pois pode ir eu já vou começar a pedir voto”, aí pronto eu costume dizer, eu cresci e mamãe o tempo todinho dizendo que os filhos dela não entrar na política nem ser motorista pra viajar, mas ela não rezou para as filhas (risos), pra você ver que a cabeça machista era tão grande que ela nem imaginou que as filhas pudessem entrar no mundo da política, ser candidata.<sup>23</sup>

Tendo apoio da mãe e do Partido dos Trabalhadores, pois ela relata que seu nome era bastante aceito no partido, tinha além desses, apoio dos populares, pois ao abordarmos suas campanhas percebemos uma grande adesão de simpatizantes da sua candidatura. Disputa eleições pelo partido e a primeira pelo cargo de prefeita.

<sup>22</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

<sup>23</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

### 3.2 Campanhas Políticas

Percebendo a política partidária como um meio de militância, disputou eleições como candidata a vereadora, prefeita e deputada. A candidatura de prefeita proporcionou um protagonismo distinto e elegemos essas candidaturas para abordar mais detalhadamente. Nessas campanhas além da atuação da candidata, é possível apreender a reação popular frente a esta. Além da biografada como personagem, nessa entra em cena também as pessoas que foram seus eleitores que fizeram adesão ao seu projeto político.

A primeira eleição que Oneide Rocha disputa como candidata a prefeita é de 1996. Disputa pelo PT, partido que desde a fundação, já tinha preferência nas votações. É registrado em Ata da Convenção Municipal do Partido dos Trabalhadores – PT, Picos-PI, (ver em anexo b) que no dia vinte três de junho de mil novecentos e noventa e seis na Câmara Municipal o presidente declara aberta a sessão tendo como pautas a discussão do Plano de Governo e homologação as das candidaturas aos cargos de prefeito, vice-prefeito e vereadores. Na eleição para escolha dos Candidatos Maria Oneide Fialho Rocha se elege para a disputar a vaga de prefeita pelo partido e José Libório Leal como vice-prefeito. Nesse ano ela tem uma campanha com grande apoio popular e uma votação expressiva que, por muito pouco, quase a elege prefeita.

Figura 6 - Comício na comunidade UMARI - 1996



Fonte: Acervo pessoal Maria Oneide Fialho Rocha

Figura 7 - Discurso na em um dia de sábado na praça João de Deus Filho – 1996



Fonte: Acervo Pessoal de Maria Oneide Fialho Rocha

Apesar de não ter obtido a vitória, teve uma campanha com grande adesão popular e com muita aceitação por parte da população e na visão das pessoas seria a candidata vitoriosa. Disputou a eleição sendo a única candidata mulher e com dois ex-prefeitos e um prefeito e de famílias tradicionais. Apesar disso, nas suas palavras, foi uma campanha bonita que surpreendeu pelo expressivo apoio que recebeu.

Nós fizemos uma campanha bonita, não sabia nem de onde vinha voto, pintavam camiseta, pintavam lencinhos, Alveni, a professora Alveni foi quem sugeriu. E esses lencinhos fazia o maior sucesso, um dia diziam: “Esse lencinho vale mais que ouro, na hora que a gente mostra todo mundo quer”, era vendido por 50 centavos.<sup>24</sup>

Sobre os lencinhos, a idealizadora desse adereço de campanha, a professora Alveni Barros<sup>25</sup>, fala dessa ideia para a campanha de Oneide e como essa ideia foi recepcionada pelas pessoas, principalmente os jovens.

E um dos marcos que eu trouxe pra essas campanhas, como a gente tava falando antes, foi os lencinhos. As badanas vermelhas com estrelas, né! Isso

<sup>24</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

<sup>25</sup> Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> da Universidade Federal do Piauí - UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

viralizou na cidade de Picos e alavancou a publicidade na campanha de Oneide. Todo mundo queria uma badana, principalmente os jovens. (Risos)<sup>26</sup>

Portanto, um dos reforços da campanha foram os lenços vermelhos desejados por muitas pessoas. Isso reflete também a força política que a petista tinha como candidata. Nessa campanha, narra episódios que nos fazem perceber uma interação, das pessoas, próprias de tempos políticos, onde as reações além de movidas de acordo com aquilo que o eleitor espera do candidato ou o projeto político que mais lhe agrada, também são movidas por emoções e comportamentos próprios do momento político e essas reações muitas vezes surpreendem. Não só atitudes referente ao papel de voto, mas situações que são fruto da interação e adesão. Oneide relembra episódios da disputa eleitoral de 1996 que surpreenderam e que podem ser consideradas como imprevisíveis.

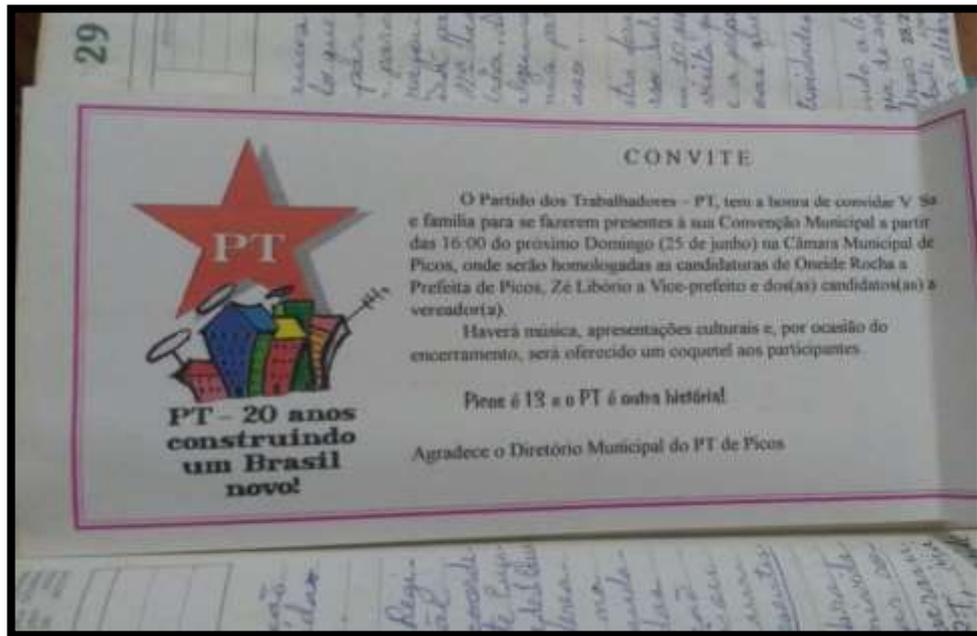
É engraçado porque o lançamento da nossa campanha fizemos na Passagem das Pedras por que aí Edson era candidato a vereador, aí tinha um rapaz que era do Saquinho, aí eu tava lá no fim ali na Boa Vista, que dobra pro morro Belo Horizonte, aí tava na última casa da avenida toda, aí quando lá se vinha o carro: “Esse ano eu vou votar em Oneide Rocha pra prefeita do lugar” e eu “Edson (...), aí ele: “Nam, foi fulano que fez a música”, eu nem sabia quem era que fazia, era uma coisa muito bonita. Nós alugamos a van de Wellington, porque ele tinha uma van que levava os meninos pra escola, pro SESI, durante a semana ela levava os menino pro SESI e nos fins de semana nós ficávamos com a van, aí ela tinha um buraquinho embaixo, ela tava estragada, e quando nós indo pro interior aí a poeira entrava, meu povo a poeira entrava na van e aí ficava uma poeira só, nós indo pro interior, aí todo mundo os meninos, os meninos eram loucos pela campanha, aí a gente ia nos carros e levava as coisas e ainda escolhia uma casa pra almoçar, aí todo mundo partilhava, o dono da casa também partilhava, era uma campanha bonita. Aí eu tive, eu me lembro que uma vez uma pessoa do PT antes disse: “Oneide eu que fui candidato, tive mil e tantos votos e você candidata não tira nem mil voto”, aí “Rapaz, é assim, eu vou ser candidata porque o partido tá querendo”, aí eu tive 7 mil e tantos votos e Zé Neri teve 11 mil, Dr. Oscar ficou lá embaixo com 2 mil.<sup>27</sup>

Um dos fatos que lhe causaram surpresa foi a música feita para ela. Daí percebemos ações de construção de campanha que não partia apenas do nome que liderava a campanha, mas dos populares que por alguma razão se articulavam pelo projeto que fizeram opção. Traços da ação popular e da espontaneidade se mostram na solidariedade e na convivência conjunta, de partilharem refeições.

<sup>26</sup> VIEIRA, M. A. B. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

<sup>27</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

Figura 8 - Convite para a convenção da candidatura de Oneide Rocha no ano de 2000



Fonte: Acervo pessoal Irmãs Filhas de Jesus

Anexado ao Diário de Casa das Irmãs da Congregação das Filhas de Jesus encontramos o convite para a convenção da sua candidatura no ano de 2000. Sobre essa campanha, Oneide, na memória que faz da eleição, apesar das caminhadas, denominadas “Caminhadas da Cidadania”, terem feito parte de suas atividades políticas em 1996, ao lembrar do pleito de 2000, faz primeira menção a essas atividades. Possivelmente as desse ano deixaram marcas mais fortes na memória por ter sido a primeira lembrança a ser mencionada. Para ela a eleição desse ano “pegou fogo” e talvez tenha chegado a essa conclusão pelo fato de causarem uma energização nos populares. Quando menciona as “Caminhadas da Cidadania” ela as aponta como marca registrada da força da sua campanha:

Em 2000 fui candidata de novo, essa campanha pegou fogo, toda semana a gente fazia caminhada nos bairros, eu lembro que Alex dizia: “Essa caminhada e muito melhor que carnaval”, era animada a gente chamava, eu me lembro que a gente fez a caminhada, que chamamos: “Vamos a caminhada dos 5 mil”, veio mais de 10 mil pessoas, era gente, era gente, era gente, uma carreata enorme. Aí o povo dizia: “Oneide, Zé Neri se espantou” e as pesquisas dizia que a campanha era nossa. Zé Neri se espantou com aquela caminhada e com aquela carreata.<sup>28</sup>

<sup>28</sup>ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

Na fala dela deixa explícito a força da campanha primeiro, pela empolgação do povo, representada na fala de um possível eleitor seu, considerando a caminhada mais animada que o carnaval. Segundo, pela quantidade de pessoas que superava o esperado e terceiro, pelo medo causado no seu adversário político. Portanto essa atividade política foi um dos eixos de maior força na sua candidatura nessa disputa eleitoral.

Figura 9 – Caminha de campanha pelos bairros Passagem das Pedras e Boa Vista, 08/2000



Fonte: Acervo pessoal das Irmãs Filhas de Jesus

Figura 10 – Conclusão de caminhada política com concentração na Praça Félix Pacheco



Fonte: Acervo Pessoal das Irmãs Filhas de Jesus

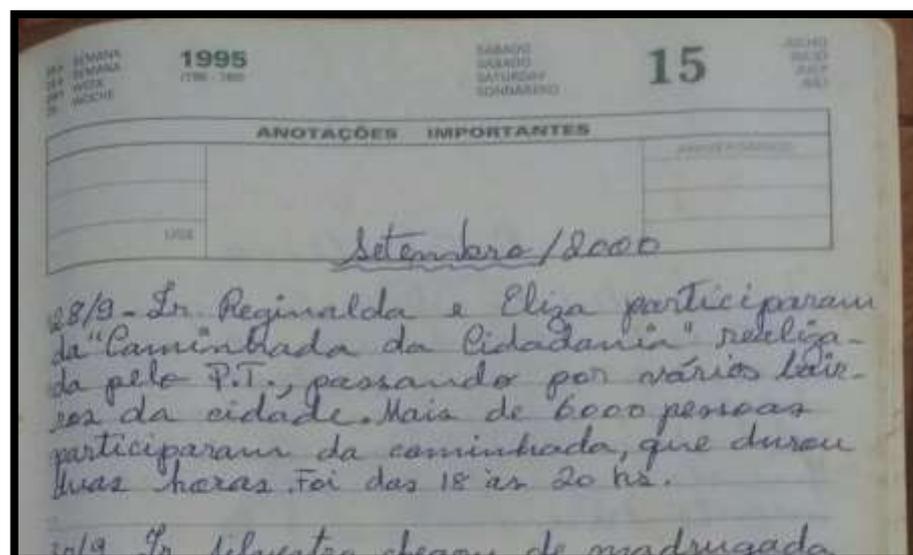
A programação das caminhadas consistia em passar o dia no bairro visitado, conversando com as pessoas sobre a situação vivida pela população e fazer denúncia dos descasos com a situação do bairro e em que estavam submetidas as pessoas. A noite havia a projeção do que foi filmado no dia para que as pessoas pudessem assistir.

Além do relato de Oneide, algumas pudemos entrevistar pessoas que participaram da caminhada em 2000 e que deram seu apoio a sua candidatura, não só votando, mas depositando apoio e fazendo juntamente com a candidata sua campanha. Nas palavras da Irmã Reginalda Mendes Barbosa<sup>29</sup>, essa campanha foi do povo para o povo, foi possível também nela exercer verdadeiramente a cidadania.

Falar da campanha de Oneide Rocha, nesse ano, que ela disputou, ou concorreu, não sei se a palavra disputar é melhor, né, no pleito para a prefeitura de Picos é falar de honestidade. Eu pessoalmente, eu tive a experiência de vivenciar uma campanha política no sentido verdadeiro de política: o bem comum. Busca do bem comum. Um povo, do povo para o povo. Para mim foi essa toda a dinâmica usada por Oneide Rocha para fazer o seu trabalho nessa campanha política daquele ano.<sup>30</sup>

Além do testemunho de participação da entrevistada acima, encontramos menção as atividades de caminhadas e o dia da eleição em diários de casa das religiosas Filhas de Jesus que residem na Passagem das Pedras e nos permitiram acesso ao material que faz citação a atividade, como também a participação, nessa, das religiosas pertencentes a congregação.

Figura 11 – Recorte de um trecho do “Diário de casa” das Irmãs Filhas de Jesus, Picos-PI

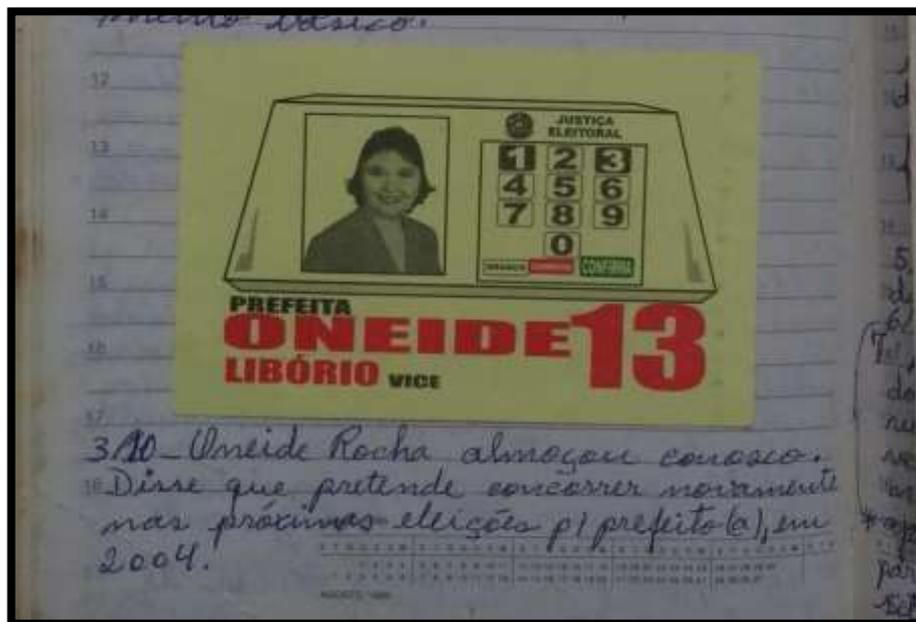


<sup>29</sup>Religiosa consagrada da Congregação das Filhas de Jesus. Brasil.

<sup>30</sup>ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

Fonte: Acervo pessoal das Irmãs Filhas de Jesus

Figura 12 – “Santinho” de campanha a Prefeita de Oneide Rocha no “Diário de casa”



Fonte: Acervo pessoal das Irmãs Filhas de Jesus

Apesar de bastante forte e com muita adesão popular a eleição não é vencida ficando Oneide, como em 1996 na segunda colocação do pleito e como mencionado o desejo no diário, disputaria as eleições novamente em 2004. A derrota talvez tenha sido, e como justifica ela, por não ter feito uso do método clientelista que faz parte da cultura política do local. A cultura política interfere diretamente na condução do processo eleitoral como também no seu resultado. Prova de que a cultura política daqui possui forte traços clientelistas é que a candidata teve experiência no requisito desse tipo de prática.

Um dia eu tava na pracinha e o homem bateu nas minhas coatas: “Dona Oneide, a senhora pode me dar isso, isso e isso”, pede, pede, pede. “Logo não, mas eu não quero fazer uma campanha assim, eu quero fazer uma campanha pra depois que a gente ganhar, você quer escola boa?” “Quero”. E ele: “Pois vou pedir pra quem tem bom coração que dá, a senhora não dá”. E quem tem bom coração era quem corrompia o povo.<sup>31</sup>

Traços dessa prática fica evidente nesse episódio onde um eleitor negocia seu voto em troca de algum favorecimento. Apesar dessa marca forte da cultura política havia adesão

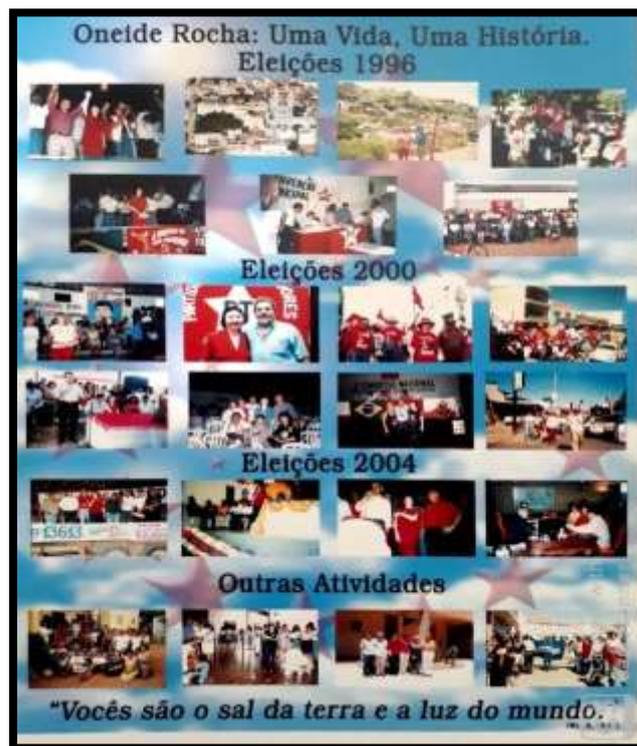
<sup>31</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

verdadeira e opções pela crença no projeto político, percebemos isso nas interações espontâneas e no próprio engajamento dos simpatizantes em construir junto todo o processo político.

Novamente em 2002 participa da disputa eleitoral pela vaga de suplente de senadora e em 2004 novamente Oneide Rocha disputa eleição pela vaga de prefeita da cidade de Picos-PI pela legenda do Partido dos Trabalhadores. Essa campanha diferente das de 1996 e 2000, foi mais fraca por algumas razões tais como o desgaste de já ter se candidatado outras duas vezes, os salários atrasados pela gestão petista estadual, de certa forma enfraquecia uma candidatura pela legenda do partido e as pessoas queriam mudança. Nessa disputa ocupa a quarta posição, fato distinto das eleições anteriores que disputou pelo mesmo cargo.

### 3.3 Fazer política

Figura 13 – Oneide Rocha e em campanhas para Prefeita e outras atividades



Fonte: Acervo pessoal de Maria Oneide Fialho Rocha

Na imagem é possível observar fotos das três campanhas em que disputou o cargo eletivo de prefeita. Estar no espaço da política trás experiências negativas e positivas. Protagonizar uma campanha disputando uma candidatura é ainda uma forma mais direta de

vivenciar essas experiências. Ao colocar seu nome no pleito eleitoral em algumas campanhas, fez com que a candidata do PT, Oneide Rocha, vivenciasse essas várias experiências e que pudesse analisar a política ou a campanha eleitoral com um olhar voltado a tudo o que essa situação proporcionou.

Um dos primeiros fatos que abordamos é a questão de ser mulher. Em um espaço quase exclusivamente masculino, pois até 1930 nem direito a voto as mulheres tinham, aos poucos a emancipação vai ocorrendo, porém a passos lentos esse adentrar político vai acontecendo, não diferente, de forma muito lenta. A questão de emancipação das mulheres, no nosso caso, a política, tem raízes mais profundas, pois estamos inseridos em um meio que relega um papel secundário a mulher em todas as esferas e não seria a política um meio que essa não encontraria dificuldades para ocupar. Questionada sobre as dificuldades que enfrentou por fazer uso desse espaço na sua militância partidária como candidata, relata que sim, sofreu certo tipo de preconceito principalmente de seus adversários políticos.

Era, eu me lembro que na de 2000, Valdemar Rodrigues era candidato pelo PSDB, e alguém disse: “Oneide, Valdemar Rodrigues disse que mulher não sabe administrar nada, ela só sabe administra as salas de aulas, não vai saber administrar nada”, aí vieram me dizer e eu disse “Ah pois quer dizer que tô administrando um mundo, porque cada aluno é um mundo, administrar uma sala de aula é ter condição de administrar, uma pedagogia de ter condição de administrar seus alunos já é muito”.

Como falei pra você, o machismo começava dentro de casa e outras pessoas achavam que as mulheres não davam conta. Mas eu tive muita aceitação, muita aceitação (...), as pessoas queriam mesmo, os mais religiosos diziam que rezavam pra eu ser candidata, dizendo: “Dona Oneide a gente acredita na senhora, a gente acredita que a senhora quando chegar lá vai fazer uma boa administração”. O preconceito existia, principalmente dos políticos, mas a grande maioria da população demonstrava uma credibilidade muito grande na candidatura, é tanto que o povo votou, não deu foi pra ganhar.<sup>32</sup>

A destinação, quando não de dona de casa, de professora era adequado cabendo a mulher optar e se contentar com esse. A política não seria o espaço adequado para essa estar. A fala, além de um machismo, também pode ser considerada como resultado da rivalidade entre os candidatos que usam do ataque ao adversário(a) como meio de enfraquecê-lo(lá) e esses ataques fez parte das campanhas políticas em Picos e a candidata a prefeita viveu experiências e relata os ataques referentes a pessoa dela. Na segunda fala citada, apesar de admitir esse machismo existente desde as bases familiares, aponta que no próprio partido não encontrou rejeição a sua

---

<sup>32</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

figura. É importante mencionar aqui que o PT foi o primeiro partido a estabelecer a cota de gênero, antes de 30% e agora de 50%.

Voltando a questão dos ataques políticos dirigidos a ela, isso não só se deu referente ao gênero, mas a falta para mais ou para menos de humildade. Segundo ela um dos seus adversários dizia que ela morava em uma mansão, que era rica e que ele não tinha nada. Aconselhavam a revidar, porém, segundo ela, não adotou a postura de responder da mesma forma

Não só de experiências desagradáveis viveu. Muitas situações que apareceram como impensáveis fez com que boas marcas ficassem em sua memória sobre a época em que foi candidata. A espontaneidade e a disposição das pessoas em participar da campanha e até construí-la juntamente, é um dos aspectos marcantes em sua fala quando recorda esses momentos de sua vida. Apesar de não ter sido eleita nas eleições que disputou, a marca da sua passagem no processo eleitoral é muito positiva. São os muitos episódios que ela recorda que estão presentes esses pontos em sua memória:

[...]a gente andava era de pé, aí nós fazíamos assim, a campanha, por exemplo, se fosse o morro da Macambira, eu tenho uma história bonita pra contar do morro da macambira ali na ipueira. Nós passava o dia no bairro, conversando com as pessoas filmando os depoimento, filmando também as ruas que tinha e precisava melhorar, aí de noite a gente projetava numa televisão.<sup>33</sup>

Traços de uma campanha de muito contato com o povo e com a realidade que se conhecia. O caminhar a pé, nos dá uma ideia de grande proximidade com as pessoas. Percebemos também essa preocupação de colocar as pessoas como protagonistas de campanha, pois elas tinham vez de fala nos depoimentos que podiam fazer. Outro episódio que narra refere-se outra situação em outro barro da cidade.

Eu me lembro que na Aroeiras do matadouro era suja, os esgotos no meio da rua, era uma coisa triste, e não tinha calcamento, não tinha nada, o matadouro era uma tristeza, aí nós filmamos e Luzanira era comigo, pra fazer eu tinha uma máquina filmadora de Ulisses, meu irmão, aí de noite a gente passando na televisão veio um senhor e disse: “Dona Oneide, ai na televisão tá passando a sujeira aqui na Aroeiras do Matadouro, mas não é só a Aroeiras do Matadouro não, lá nos ‘Pico’ todo é sujo”. Ai no morro da Macambira, o que é que nós tínhamos?<sup>34</sup>

Nessa outra narrativa é mais uma vez colocado a voz das pessoas como uma parte importante de da sua campanha. A denúncia na fala do morador releva uma insatisfação com a

<sup>33</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

<sup>34</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

situação a qual estavam expostos. A partir do vídeo assistido pelo possível eleitor e feita uma comparação com o restante da cidade. Não era só o seu bairro que se encontrava em tal situação, mas toda a cidade.

Na primeira campanha, em 1996, Mariozan Rocha tava despontando como cantor, aí de segunda a quarta ele tocava pra gente e de quinta pra lá ele tinha a programação dele, aí nós fizemos um comício da Ipueira, aí o povo: “Dona Oneide, a senhora vai levar Mariozan lá pro morro da Macambira?”, aí “Nam, se for o dia dele a gente leva”, aí o comício no morro da macambira passamos os dia lá, aí o povo enfeitou as ruas, parecia uma noite de natal, nós num gastávamos quase nada, era o povo que fazia. Um senhor que era pedreiro deu 10 reais a Zé Ricardo, que era o tesoureiro, pra ajudar na campanha, era tudo assim, bonito. Aí de noite o povo: “Oneide num vai ter palanque não, porque o carro de Geraldo Dantas vai ter que deixar umas encomendas no interior”, eu digo: “Nam, mais num tem nada não”, “mas também num vai ter som não, porque Mariozan num pode não, Mariozan viajou”, “nam, mas a gente usa o toca fita do carro”, “nam, mais o toca fita do carro quebrou”, eu só sei que nós fomos pra lá e ficamos numa calçada, numa calçada alta. Menino, mas esses meninos tomaram de conta do microfone, “meu pai vota em Dona Oneide”, “e quem é seu pai?”, aí levantava a mão, aí foi, fizeram um cartaz de repente veio o cartaz numa cartolina com um monte de mensagem pra apresentar, e o povo ficou próximo, eu sei que foi bonito, bonito porque interagiu com o povo, principalmente com o jovem, com as crianças, aí voltamos satisfeitos com o comício porque a gente passava o dia andando nas casas de e de noite encontrava com o povo.<sup>35</sup>

Em algumas partes desse texto mencionamos o fato da espontaneidade e participação das pessoas no momento eleitoral e sobretudo na candidatura da petista. Nesse trecho da entrevista fica ainda mais evidente essa participação. Não havia empecilhos que impedissem que a atividade política fosse realizada. A colaboração das pessoas e seu engajamento para que tudo desse certo, pode ser percebida nas sugestões de improviso diante dos problemas que apareciam e que podiam impedir a realização do comício. Vemos ainda no treco a colaboração financeira, ainda que muito humilde, de um popular que vai no sentido contrário, ao invés de seguir a cultura política de solicitação de favorecimento, esse faz o inverso colaborando com a candidatura daquela que possivelmente deu o voto.

Aí um dia eu andando: “Oh Dona Oneide, mas o comício foi o comício mais bonito que teve no morro da macambira, porque o povo chega nos carrão no trio e fica lá em cima, a gente nem chega perto deles e vão embora e o comício da senhora todo mundo falou, todo mundo podia pegar aquele microfone, e os

---

<sup>35</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

filhos gente ia lá e dizia que a gente (...)”, olha aí, vocês veem qual o tipo de campanha era uma campanha pé no chão.<sup>36</sup>

O reconhecimento de que as campanhas foram bonitas não partem apenas da visão individual da biografada, mas daqueles que participaram como expectadores interativos. Na fala de uma das nossas entrevistadas, a professora Alvenir Barros, relata como conheceu Oneide e de como essa amizade deu origem a militância política conjuntamente. Ela fala que participou diretamente nas organizações das campanhas e papéis que nessas.

Então, conheço Oneide Rocha, foi assim um encontro, assim, maravilhoso. Uma pessoa que me ensinou muito na vida. Conheci Oneide em 1995, quando eu vim prestar concurso, o primeiro concurso pra professor efetivo que teve na universidade federal Campus de Picos, porque até então os professor eram selecionados por currículo, na verdade por indicação. [...] E fiz o concurso e me tornei professora, parceira dela na universidade. Nós fomos aprovadas, inclusive, Oneide passou em primeiro lugar, e eu fiquei em terceiro lugar. E a partir daí nós começamos uma amizade grande, até porque ingressamos juntas no magistério, quando Oneide também já via minhas colocações mesmo no período que, antes de ser efetivada eu fiquei como substituta, eu me prontifiquei a participar de greves com o grupo de professoras efetivas e a partir dessas, das minhas posições políticas né(...) Políticas estudantil, que eu vinha, eu era recém graduada. Oneide me convidou para conhecer a sede do Partido dos Trabalhadores e a partir daí nós fomos, eu comecei a coordenar, a ajudar na coordenação das campanhas de Oneide Rocha para prefeita de Picos.<sup>37</sup>

No primeiro contato na amizade através do magistério, encontram semelhanças na luta política. E, a partir dessa relação mais próxima veio não só a participação no partido, mas uma ação mais direta como organizadora das campanhas de Oneide Rocha.

Eu tinha duas funções nas campanhas de Oneide, ambas muito pesadas, a primeira eu tinha que rodar o comércio todo, com Lurdes que era aluna da gente e era bancária, do sindicato dos bancários, pedido doações para a campanha. Quando a este chegava aqui na São Benedito os comerciante já começavam a sair pela tangente, tudo pra não doar dinheiro, por conta do partido não. E outra sempre me davam a estrutura, a estrutura logística, né, eu era a primeira a chegar nos comícios a arranjar carro, ir pra palanque e era a última a sair. Então, a participação também com ideias, com slogan, com os materiais, porque com a cabeça cheia de ideias. E foi um período lindo! De muita luta e nos quase chegamos lá, não foi com Oneide, mas depois outro candidato do PT chegou ao governo da prefeitura.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> ROCHA, M. O. F. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

<sup>37</sup> VIEIRA, M. A. B. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

<sup>38</sup> VIEIRA, M. A. B. *Entrevista concedida a Maria Izadora Rodrigues Teixeira*. Picos, PI: 2019.

Portanto a partir dessa fala fica claro campanhas políticas que não feitas assimetricamente ou em que houvesse um limite na relação entre eleitores candidatos. As próprias pessoas tiveram uma participação decisiva nos pleitos eleitorais sendo colaboradores diretos no projeto que acreditavam. A partir disso, podemos olhar para o momento político desse período como reflexo de uma população que sabia se organizar e se articular politicamente.

## CONCLUSÃO

O estudo de uma trajetória individual faz nos entender nos faz perceber o quão complexa são as vidas dos indivíduos percorrendo caminhos previsíveis ou não. Os fatos não são ordenados de acordo com a vontade própria, mas fatores impulsionam caminhos. Carvalho (2013) diz:

É possível refletir o papel de um indivíduo na história a partir dos cargos exercidos ao longo dos anos. Porém, uma existência humana é mais complexa, abraçando as ideias, as posturas e as articulações que um indivíduo estabelece com os demais. (CARVALHO, 2013, p. 22).

Portanto, trabalhar com uma trajetória individual é também trabalhar com a complexidade que esse carrega consigo. Na nossa pesquisa, ao estudarmos a atuação da professora Oneide Rocha, pudemos perceber alguns elementos e as constâncias e inconstância que os caminhos vão possibilitando.

Alguns aspectos na vida da personagem a acompanham desde a infância como é o caso da formação religiosa que recebe, juntamente com a humanística, também colaborou muito na sua formação enquanto pessoa, pois mesmo ainda não tendo a consciência política, já dava passos em direção a proximidade com realidade sociais difíceis e a atuação nessas.

A religiosidade foi um fator decisivo para encaminhá-la para espaços que a colocariam em contato com situações que despertariam nela a consciência política e a disposição para a militância. A partir do contato religioso com uma religiosidade que tinha forte postura política, pelas ações que teve frente a realidade dos mais necessitados, passa a perceber que uma forma eficaz de transformação era a política partidária. Apesar de não ter vencido as eleições, a partir das narrativas, percebemos campanhas da petista colocou as pessoas como protagonistas do processo eleitoral, ou seja, os participantes da candidatura eram pessoas que sabiam se articular politicamente.

Percebemos também nesse estudo, e até mesmo como define a personagem, que a militância não se faz sozinha. As pessoas entram em cena militando conjuntamente, mas também sendo alvo dessa militância. Perceber as pessoas sendo protagonistas e atuando juntas, nos ajuda a compreender a atividade como uma ação social transformadora das realidade que se quer interferir.

O estudo da trajetória da nossa personagem nos mostra também a aproximação entre política partidária e a religião, pois a política entendida no seu sentido pensado em uma ação

de melhoramento do que é comum não precisa caminhar necessariamente longe do espaço da religião.

## REFERÊNCIAS

ALVES, S. S. de O. **Mulheres e Sociabilidades: História das Mulheres e Educação em Picos - Piauí (1940-2015)**. 2018. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI. 2018.

BOURDIEU, P. **A ilusão biográfica**. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (Orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

CARVALHO, S. M. dos S. **O Bispo de todos os tempos: uma biografia de Dom Avelar Brandão Vilela**. Teresina-PI: 2013.

COSTA, H. de M. **Para ler a vida e escrever a própria história: teologia e ação libertadora na Diocese de Picos**. 2014. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em História) - Universidade Federal do Piauí - Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos-PI, 2014.

OLIVEIRA, K. Í. P. de. **A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960**. 2014. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí, Teresina-PI, 2014.

ROCHA, M. O. F. **Movimentos Sociais: ação sócio-política na região de Picos a partir da ação sócio-educativa do Movimento de Educação de Base - MEB no período de 1985 - 1995**. 2011. Dissertação (Mestrado Interinstitucional em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e Instituto de Educação Superior Raimundo Sá - IESRSA, Recife-PE, 2011.

RODRIGUES, E. W. A. **Lutas e vivenciais do MEB na organização dos camponeses na região de Picos – 1980/1990**. 2017. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em História) - Universidade Federal do Piauí - Campus Senador Helvídio Nunes de Barros., Picos- PI, 2017.

SCHMIDT, B. B. **História e Biografia**. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Orgs.). Novos Domínios da História. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

VASCONCELOS, C. **PT PIAUÍ - 1980-2006: trajetória e mudança na estrutura organizacional**. Teresina-PI: EDUFPI, 2014.

**ENTREVISTADAS**

Maria Oneide Fialho Rocha

Maria Alvenir Barros Vieira

Maria das Dores Rufino Costa

Reginalda Mendes Barbosa

**ANEXO**

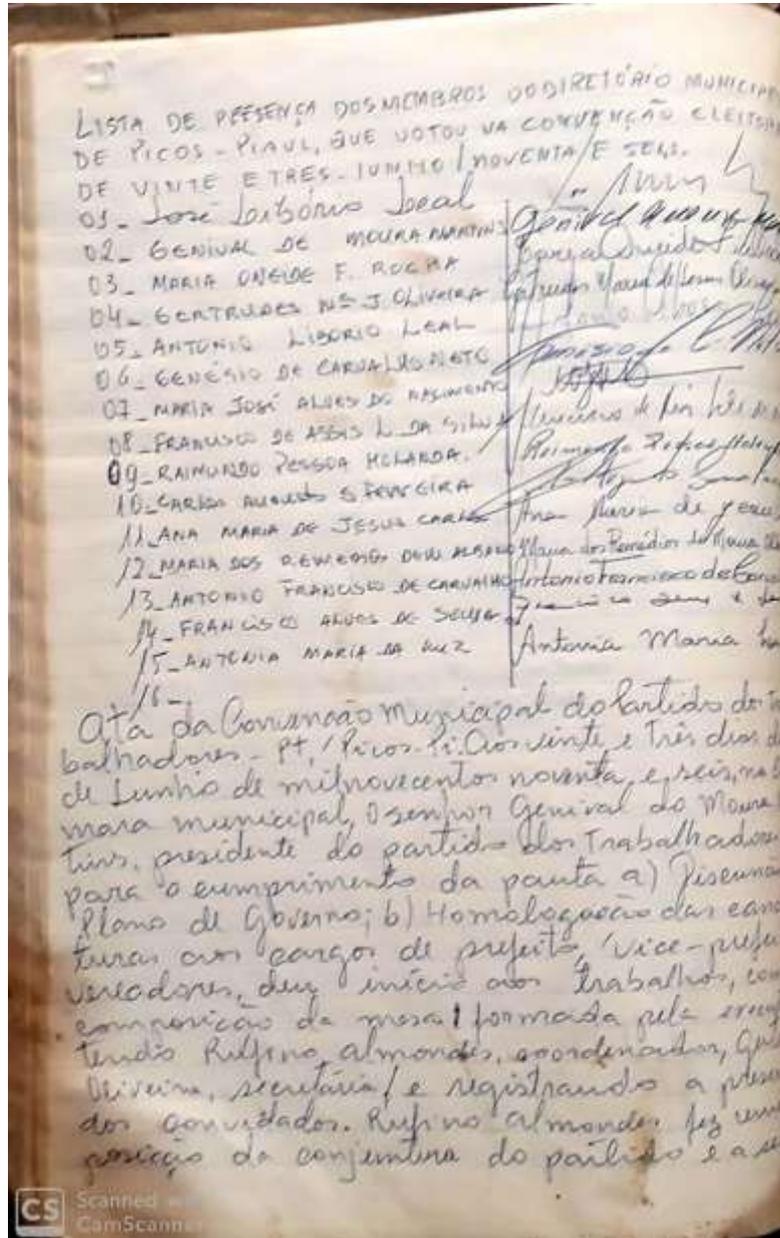
ANEXO A – Trecho do Livro de Ata constando a fundação do Partido dos Trabalhos – PT em Picos-PI

2

ATA DA CONVENÇÃO MUNICIPAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES  
PT, PARA ELEIÇÃO DO DIRETÓRIO MUNICIPAL NO MUNICÍPIO DE  
PICOS.

NO DIA VENTE E NOVE DIAS DO MÊS DE SETEMBRO DE NUN MIL. INTEREN-  
TOS E OITENTA E QUATRO, ÀS NOVE HORAS, NA CIDADE DE PICOS,  
COM A PRESENÇA DO Sr. OBSERVADOR DA JUSTIÇA ELEITORAL E  
PRESIDENTE DA COMISSÃO PROVISÓRIA MUNICIPAL DO PARTIDO I  
DOS TRABALHADORES - PT, DECLAROU INSTALADAS ESTABELECIDAS A CON-  
VENÇÃO MUNICIPAL DO PT, NESTE MUNICÍPIO, PARA OS FINS CONS-  
TANTES DO EDITAL DE CONVOCAÇÃO, DIVULGADO NA FORMA DA LEI,  
PRA NUNCA CIÊNCIA DOS PRESENTES, FOS LIDO O EDITAL E EXAMINADA  
DA A DUEM DO DIA DA CONVENÇÃO; ELEIÇÃO DOS MEMBRES TERA-  
RES E SUPLENTE DO DIRETÓRIO MUNICIPAL E ELEIÇÃO DO DE-  
LEGADO E SEU SUPLENTE À CONVENÇÃO REGIONAL. FEITA ESTA I  
COMUNICAÇÃO INICIAL, Sr. PRESIDENTE FRABUCOU A PALAVRA A  
QUEM DEIA SUCESSO FAZER USO. FIZERAM USO DA PALAVRA OS  
VÁRIOS ORADORES, EM SEGUIDA, DETERMINOU O Sr. PRESIDENTE  
QUE SE PASSASSE À VOTAÇÃO, DURANTE A QUAL NÃO SE VERIFI-  
COU NENHUM PROTESTO, IMPUGNAÇÃO OU RECLAMAÇÃO. ÀS OITOSSE  
TE HORAS, COMO NÃO HOUVESSE ELEIÇÕES POR VOTAR PRESENTES  
NO ANEXO, O Sr. PRESIDENTE DECLAROU ENCERRADAS OS TRABAL-  
INHOS DE VOTAÇÃO. FOS ENTÃO ENCERRADA A LISTA DE PRESENÇAS  
LANÇADA NO MESMO LIVRO DAS ATAS DE CONVOCAÇÃO, COM A AS-  
SIGNATURA DO OBSERVADOR DA JUSTIÇA ELEITORAL. VERIFICOU-  
QUE VOTARAM 55 (CINCOENTA E CINCO) ELEIÇÕES, SATISFAZENDO-  
SE, PORTANTO, O QUORUM LEGAL EXIGIDO, CONFERIDA A LISTA DE  
PRESENÇAS, COM O NÚMERO DE CÉDULAS DE VOTAÇÃO DISTRIBUÍ-  
DA NA MANA, PARALELA A APLICAÇÃO, SEM QUE FOSSE APRESENTA-  
DA EMPUGNAÇÃO A CHAMADA ÚTIL A PRESENTAR FOS ELEIÇÃO DE  
TANTO VOTOS NECESSÁRIOS À SUA HOMOLOGAÇÃO, COM O SEGUINTE  
RESULTADO: VOTOS FAVORÁVEIS 55 (CINCOENTA E CINCO), VOTOS  
EM BRANCO 0 (ZERO), VOTOS NULOS 0 (ZERO). EM CONSEQUÊNCIA

ANEXO B – Trecho do Livro de Ata constando a reunião para escolhas das candidaturas do PT na eleição de 1996



ANEXO C – Trecho do Livro de Ata constando a escolha de Oneide Rocha como candidata a Prefeitura de Picos-PI pelo PT na eleição de 1996

48

ria executiva, Gertrudes Oliveira, fez a leitura do Plano de Governo, dos nomes dos candidatos indicados às eleições. O presidente, Genival de Moura Martins, encaminhou a votação por voto secreto. Após o último votante, fez-se a contagem dos votos, onde votaram quinze conveniencistas, e na presença dos dois executivos: Francisco de Assis Leite e Rufino Manoel de Almondes, apuraram-se os votos. Genival de Moura Martins fez a leitura dos candidatos homologados, que vem com seus respectivos números: Prefeito(a) Maria Oneide Fialho Rocha - 13; Vice-prefeito - José Sebastião José dos Santos; Genival de Moura Martins - 13615; Raimundo Ferron Holanda - 13601; José Seno de Moura, 13610; Welson Bezerra Pereira, 13613; Ana Maria de Jesus Carlos - 13612; Elias Antônio Fontes - 13640; Ariel Custódio de Oliveira - 13696; Edemar Joaquim de Moura - 13651; Manoel Vieira de Barros Lima, 13630; José do Egito Soares Ferreira - 13614; Maria José Alves do Nascimento - 13606; Francisco Euzen Loureiro Lima - 13602; José Haroldo da Silva - 13617; Paulo Afonso da Silva e Antônio Salome de Sena. Logo após, a palavra foi passada para quem quisesse falar. Pronunciaram-se Maria José Alves do Nascimento, Genival de Moura Martins, José Seno da Silva, Welson Bezerra, Ana Carlos, Haroldo, Ariel, Euzen Lima, Edemar Joaquim de Moura, Raimundo de Holanda, José do Egito, Manoel Vieira, vice-prefeito José Sebastião, Maria Oneide Fialho Rocha - candidata a prefeita. Tendo encerrado as falas e nada mais havendo a tratar, foi lida e aprovada a presente ata, que vai assinada por mim, Gertrudes Maria de Jesus Oliveira, secretária, pelo presidente do partido executivos.

Secretária - Gertrudes Maria de Jesus Oliveira  
 Presidente - Genival de Moura Martins  
 Executivos - Rufino Manoel de Assis Leite

Scanned with CamScanner

ANEXO D – Trecho do Livro de Ata constando a reunião para escolhas das candidaturas do PT na eleição de 2004

49

LISTA DA CONVENÇÃO, DIGO, LISTA DE PRESENCAS DA REUNIÃO MUNICIPAL DE ESCOLHA DOS CANDIDATOS DO PARTIDO DOS TRABALHADORES DE PÍCOS ÀS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE TRÊS DE OUTUBRO DE DOIS MIL E QUATRO

01	Antonio Libório Leal	Antonio Libório Leal
02	João Seno de Moura	NÃO COMPARECEU
03	Maria de Lourdes Leal	Maria de Lourdes Leal
04	José Venâncio de Sousa Filho	José Venâncio de Sousa Filho
05	Maria Oneide Fialho Rocha	Maria Oneide Fialho Rocha
06	Marcos Holanda de Moura	Marcos Holanda de Moura

ATA DA CONVENÇÃO MUNICIPAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES DE PÍCOS PIAUÍ.

AOS vinte e seis dias do mês de junho de dois mil e quatro, às dezesseis horas, no prédio da Escola Normal Oficial de Picos localizada à rua São Sebastião número quarenta e nove, centro, Picos Pi, o Presidente da Convenção o Senhor Marcos Holanda Moura, declarou instalados os trabalhos da convenção municipal do PT, para o cumprimento da seguinte pauta: (A) a escolha dos candidatos do partido para concorrer as eleições de 03 de outubro de 2004, aos cargos de Prefeito, vice-prefeito e vereador; B) deliberação sobre a proposta de coligação as eleições majoritárias, com os Partidos: PSB Partido Socialista Brasileiro, PDT Partido Democrático Trabalhista PC do B Partido Comunista do Brasil e o PT Partido dos Trabalhadores, e a coligação proporcional com os Partidos: PSB Partido Socialista Brasileiro, PDT Partido Democrático Trabalhista, PC do B Partido Comunista do Brasil, e Partido dos Trabalhadores

Boleto Zilene Gomes Barbosa da Rocha  
2004 Eleições



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
( X ) Monografia  
( ) Artigo

Eu, Mário Kodora Rodrigues Texeira,  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Um caso de político em lix: militância religiosa e partidária -  
ria de Oneide Coelho. (1982-1995).  
de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 20 de abril de 20 23

Mário Kodora Rodrigues Texeira  
Assinatura

\_\_\_\_\_  
Assinatura